
ENSINO MÉDIO

– 1º ANO –

LÍNGUA

PORTUGUESA:

LITERATURA

VOLUME 2

Apostila do 1º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



LITERATURA – VOLUME 6

The image shows a decorative book cover. It features a central rectangular area with a white background. In the center of this area is a horizontal label with a decorative border, containing the text "LITERATURA – VOLUME 6". Above and below this label are two semi-circular decorative elements, each with a horizontal line and small circles at the ends. The entire central area is framed by a wide, ornate border. This border consists of a repeating diamond pattern on the outer edges and a more complex, swirling floral and leaf pattern on the inner edges. The corners of the border are decorated with small, stylized floral motifs. The overall design is symmetrical and elegant.



AULA 13

AURÉLIO PRUDÊNCIO



m 325 d.C., com a presença e proteção do Imperador romano, a Igreja celebrou o seu primeiro Concílio Ecumênico, isto é, universal, conhecido como Concílio de Niceia, onde as primeiras heresias surgidas no seio da Igreja, como o arianismo, que negava a divindade de Jesus Cristo, foram condenadas e o Credo foi formulado. O arianismo, porém, causou profundas feridas na Esposa de Cristo, sobretudo quando os sucessores de Constantino começaram a ceder aos seus nefastos erros.

O cristianismo passou a enfrentar, ainda no século IV, novas crises, com o governo de Juliano, o Apóstata, o qual abandonou sua educação católica de infância para resgatar o paganismo, tão valorosamente combatido nos séculos anteriores. Com a subida ao trono de Teodósio, em 379 d.C., as páginas da história de Roma se abrilhantam como nunca, pois a Cidade Eterna passa a ser governada por um grande católico. Não só governada, mas por meio do Edito de Tessalônica (390 d.C.), oficialmente Roma tornava-se católica.

As medidas tomadas por Teodósio em 391 e 392 arruinaram definitivamente o paganismo. No Oriente, desde 395, Arcádio (filho de Teodósio) renovou as proibições de seu pai quanto ao culto pagão. No Oriente, Honório tomou idênticas providências em 407 e em 415. Teodósio II, por sua vez, liquidou os resquícios de paganismo, ao ordenar a destruição dos santuários, templos e edifícios da idolatria. Doravante, Ocidente e Oriente, enfim, o Império Romano, vivem em regime cristão. (NUNES, p. 42)



Teodósio e Santo Ambrósio. 1619. Por Anthony van Dyck. Esta pintura retrata o episódio onde Santo Ambrósio impediu o Imperador romano de entrar na catedral de Milão, devido a um ato atroz cometido por ele. Após muita penitência, Teodósio foi acolhido novamente no seio da Igreja.

Vejamos, através do texto de José Maria dos Santos¹, o valor deste grande homem providencial (Teodósio):

Atacado por grave doença em Tessalônica, (Teodósio) pediu o batismo, que naquele tempo se recebia em idade mais avançada ou em perigo de vida. Mas não quis recebê-lo senão das mãos de um bispo inteiramente ortodoxo em suas doutrinas. Quando São Asculo apareceu para ministrá-lo, ele quis que este antes fizesse uma profissão de fé formal e terminantemente católica. Poucos dias depois de ter recebido esse Sacramento, o Imperador ficou inteiramente recuperado. Imperador "cristão [...] apaixonado, a política religiosa tem grande parte em seu reino. Preocupado em estabelecer a unidade religiosa em seu Império, desde o princípio ele atacou os hereges". Assim, em 380 promulgou uma lei, a qual estabelecia ser "sua vontade que todos os povos submetidos a seu cetro abraçassem a Fé que a Igreja romana havia recebido de São Pedro, e que ensinavam então o papa Dâmaso e Pedro de Alexandria". Os locais de reunião dos hereges não podiam mais chamar-se templos. Tendo conhecimento de que a maior parte das igrejas de Constantinopla estava nas mãos dos hereges arianos, impôs ao arcebispo da cidade, partidário dessa heresia, que as entregasse e também abandonasse a cidade. São Gregório Nazianzeno passou então a administrar a arquidiocese. Em 381 Teodósio ordenou ao prefeito de Constantinopla que fechasse todas as capelas arianas da cidade e dispersasse seus adeptos. As severas medidas do Imperador, contudo, não se voltaram apenas contra os arianos, mas visavam ainda os maniqueus e outros hereges. Nesse mesmo ano, convocou o Concílio de Constantinopla para fixar e completar o Credo de Nicéia e pôr termo a várias questões dogmáticas pendentes. Em 395 Teodósio encontrava-se em Milão, quando foi atacado de hidropisia, consequência dos desgastes e fadigas da última campanha. Tomando conhecimento de seu delicado estado de saúde, Santo Ambrósio correu junto a seu leito de morte. O Imperador agradeceu-lhe tudo quanto havia feito por ele, e pediu que continuasse a fazer o mesmo por seus filhos, os quais confiou a seus cuidados. O Santo respondeu: "Senhor, espero que Deus lhes dará, como deu a vós, um espírito reto e um coração dócil; recebo com prazer o encargo que me impões, e vos respondo não só pela instrução desses queridos filhos, como também pela sua eterna salvação". Com tão consoladora promessa, Teodósio entregou a Deus sua alma com os sentimentos da mais profunda piedade, em 17 de janeiro de 395. Seu elogio fúnebre foi proferido pelo próprio Santo Ambrósio.

Teodósio foi o último grande Imperador romano. Após ele as invasões bárbaras tornaram-se mais intensas e as crises internas (financeira, mão de obra, etc.) davam mostras de que o último império da antiguidade cairia conforme as profecias de Daniel.

¹ Texto integral disponível em:

<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=216&mes=abril2002&pag=1>

“O Império curvava-se sob o peso dos seus vícios internos, mas foram os bárbaros que lhe vibraram o último golpe e trouxeram a dissolução final”.

Gustave Bloch

O século IV foi o século de ouro da Patrística. Nele viveram grandes doutores cristãos que refletiram e escreveram a respeito da educação das crianças e dos jovens. Se algo nas suas obras é tributário da sua época, muito ainda resta para ser aproveitado na teoria e na prática da educação pelos pais e mestres de nosso tempo (NUNES, p. 42)

O ano de 476 d.C., marcará para sempre a História, uma vez que o último Imperador romano, Rômulo Augusto, foi deposto por Odroaco, rei dos Hérulos (um dos povos bárbaros). É o fim de Roma. A Igreja, Instituição divina protegida pela promessa de seu Divino Fundador, não ficou à mercê das quedas das instituições antigas. Ela prevaleceu e prevalecerá por toda a eternidade! Cabia a ela agora uma missão urgentíssima: converter e civilizar os invasores do antigo Império Romano.

No aspecto educacional, o século V observou o grande desenvolvimento da educação e literatura católicas. A atuação de três grandes Santos doutores atesta isto. São eles: São Jerônimo, Santo Agostinho e São João Crisóstomo (este morreu em 407, ou seja, a sua maior atuação se deu no século IV).

“Começado o século V, estabeleceu-se o acordo sobre esta grande questão. Tinha-se, enfim, visto os perigos do ensino profano, e o bom fundamento da repugnância da maior parte dos cristãos, como diz São Gregório. Compreendia-se, que se não podia esperar o triunfo completo do cristianismo sobre a idolatria e a depravação dos costumes gregos e romanos, enquanto a mocidade das escolas alimentasse a sua imaginação, e tomasse a regra dos seus juízos no estudo das obras da antiguidade. Nova moral, novas leis, um novo mundo, enfim, não podia sair, pela educação, senão duma nova literatura. ‘Como era possível, diz um filósofo moderno, aliar o cristianismo com a herança dos antigos povos? As velhas tradições, a lembrança das grandes ações e dos grandes homens que tinham passado, tudo atraía os espíritos num sentido, e o cristianismo com as suas promessas noutra.’”

“Suscitou Deus três grandes atletas, os Santos Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho, para fecharem os debates, acabando com a escola pagã e abrindo uma nova era. Todos três atacam o paganismo clássico, exatamente pelos pontos que o têm feito estimar tanto desde a Renascença. Inútil como filosofia, vão como literatura, perigoso como moral”. (GAUME, p. 55-56)

A Igreja soube preservar aquilo que a cultura greco-romana possuía de bom e verdadeiro, especialmente perante a ignorância dos invasores bárbaros que assolaram todo o império decadente. Ao caírem as instituições imperiais, coube à Igreja o trabalho civilizador e evangelizador de todos os povos, e como realizou tal obra com maestria e santidade! Dentro de alguns séculos, todo o mundo conhecido estava embebido pela doce doutrina de Cristo e da Igreja.

O primeiro reino a se tornar católico foi o da França, através da conversão e batismo de seu rei, Clóvis, em 496 d.C. Depois deste grande evento, um a um, pouco a pouco, os reinos foram dobrando os joelhos para adorar o verdadeiro Verbo de Deus.



Santo Agostinho e São Jerônimo.

Neste volume, vocês terão a alegria de ler, estudar e contemplar singelos trechos de obras de grandiosos Santos, recebendo desta forma um mínimo reflexo do imenso luzeiro que é a Esposa de Cristo! Novamente ressaltamos que, diante do imenso tesouro com que o céu nos presenteou em todos os séculos, selecionamos alguns e, limitados pelo tempo e espaço da realidade material, apresentaremos brevemente gotas de eterna e perfeita fonte espiritual.

AURÉLIO CLEMENTE PRUDÊNCIO

IMPORTÂNCIA HISTÓRICA

Aurélius Clemente Prudêncio nasceu no século IV e morreu no século V. Seus escritos e poemas ganharam uma importância histórica, tendo em vista que pode nos mostrar traços importantes da Fé do povo de sua época.

O poema que trataremos tem caráter singular nas obras deste grande homem, que nasceu na província Tarraconense, no Norte da atual Espanha. Nessa época, a Igreja sofria perseguições e encontrava-se dividida em dois momentos distintos:

1. Ascética escassa.
2. Ascética elevada, propiciando diversas conversões.

Faremos, então, uma breve exposição histórica acerca de sua vida. Desde já, é necessário considerar que dela



Aurélius Clemente Prudêncio

pouco se sabe (o livro que talvez tenha mais informações é a coleção da *Patrologia*, no entanto, infelizmente, ainda se encontra em grego e latim).

Prudêncio, como era comum em seu tempo, foi um bom estudioso de retórica, e, devido ao seu destaque na área, se tornou governador de uma província romana. Conviveu com o Imperador Teodósio I (acredita-se que eles possuíam uma grande relação de amizade); esse Imperador foi primordial para a cristandade, pois foi ele que fez a Igreja Católica se tornar a religião oficial do Império, elevando esta religião divina ao seu posto por excelência.

Na segunda etapa de sua vida, após conhecer, de uma maneira pura e sincera, a Santa Igreja Católica, decidiu levar uma vida ascética, e, ao se isolar, começou a escrever seus poemas. Fruto dessa vida de oração e jejum constantes, seus escritos o elevaram ao título de um dos principais poetas de seu tempo, de acordo com muitos estudiosos. Sua poesia foi influenciada por autores como Tertuliano e Santo Ambrósio, além da Bíblia e a Ata dos Mártires. Ele carrega o título de *primeiro poeta exclusivamente alegórico bíblico*. A seguir, veremos um trecho de um dos poucos estudos brasileiros sobre este autor, feito pelo monge beneditino Thiago Sávio de Sousa Nogueira, onde ele comenta sua época literária e o motivo de seu título

LITERATURA: PYSCOMACHIA

Prudêncio funde a literatura exclusivamente litúrgica com a literatura bíblica e profana. Esta atitude leva a que a poesia deixe de ter um fim em si mesma, e simultaneamente deixe de ser apenas um meio de transmitir uma mensagem religiosa, fazendo uma literatura como via de conversão e reflexão moral. Assim, o poeta utiliza formas clássicas para transmitir a mensagem cristã com o espírito da epopeia.

As instabilidades históricas deste conturbado período levam a que sobrevivessem poucos textos que testemunham o interesse com que os poemas de Prudêncio foram recebidos. Encontraremos a literatura prudentina no século IX entre os autores prediletos. Durante a Idade Média se estudavam nas escolas os poemas de Prudêncio, deles se destacando a Psychomachia, como podemos atestar as inúmeras citações extraídas deste poema, que remontam ao século VII e se prolongam até ao século XIV e a inúmeras glosas que lemos nos manuscritos de Prudêncio. O grande número de manuscritos de Prudêncio, entre os quais se destacam aqueles que apenas contém a Psychomachia, confirma o interesse e a admiração suscitados pela poesia de Prudêncio e em particular pelo poema que estamos a analisar. Esse poema teve uma influência fundamental na literatura medieval, tomando conta de páginas de catecismos, obras espirituais e narrativas morais.

Calcula-se que tenha escrito a Psychomachia em fins do século IV, princípios do século V da nossa era, depois de se afastar da corte do Imperador Teodósio. A obra nos desorienta por sua alegoria. É uma série homérica de duelos entre vícios e virtudes personificados, vestidos de heróis e heroínas de uma Eneida, que lembraria uma “ópera”, ou um auto sacramental. Escrita sob influência da poesia hexamétrica clássica, que articulam com a mensagem bíblica e a tradição patrística. Trata-se, indubitavelmente, de uma obra de proselitismo cristão, na qual o autor busca ressaltar os benefícios da conversão ao modo de vida cristão, buscando atrair a atenção para os valores cristãos em uma retórica pagã. Os temas

homéricos e virgilianos são míticos; enquanto os prudentinos são bíblicos e alegóricos. Seu discurso abusa de analogias e alegorias como recursos poéticos e didáticos, visando à conversão dos gentios.

O TÍTULO PSYCHOMACHIA

“O vocábulo grego usado pelo poeta, que aliás, usa em todos os poemas de suas obras, refere-se a um combate (μάχη) travado na alma (ψυχή) entre forças benignas e malignas, dos quais ficcionalmente tanto uma como outra podem sair vitoriosas. “Imóvel no meio do combate; contemplava os combates incertos, as feridas e os órgãos vitais trespassados por duros dardos, fixando os olhos, permanecia tranquila”. A *psychomachia* constitui não só o modelo fundamental para esta dualidade, mas também para sua expressão alegórica mais exuberante. Descrevendo a batalha entre opositores, personificações de vícios e virtudes, são apresentadas sete cenas sequenciais, de igual desfecho, mas de diversos procedimentos, tendo como objetivo a vitória nessa rebelião interior: a Fides versus Veterum Cultura Deorum; a Pudicitia versus Sodomita Libido; a Patientia versus Ira; a Mens Humilis et Spes versus Superbia et Fraus; a Sobrietas versus Luxuria; A Ratio et Operatio versus Avaritia; e a concordia et fides versus Discordia cognomento Haeresis. Para M. Smith a palavra ψυχή pode ter um significado de “vida”, pois, pode esta luta ser de uma alma para a vida eterna, bem como a luta de uma alma neste mundo para a vida eterna, ou ainda a luta de uma alma neste mundo para a clareza da alta perfeição do cristão.

O título do texto coloca-nos em dificuldades nunca totalmente identificados: a versão mais óbvia e fácil “a batalha da alma” está competindo rótulos, alguns intérpretes seculares interpretam como “guerra para a alma” ou “em torno da alma”. Outros defendem que este significa “combate na alma” opondo-se a “combate da alma”. Preferimos aqui apoiar-se na linha de pensamento que traduz como “combate da alma” pois, a alma aparece na prece inicial com um papel ativo: mens armata.

Expõe, rei nosso, com que exército a mente armada consiga afastar as culpas do fundo de nosso peito, sempre que surgir dentro de nossos sentidos a revolta e o embate das doenças debilite a alma, para que então se oponham, qual melhor mão, uma escolta para manter a liberdade ou uma linha de batalha contra as confusas fúrias entre os sentimentos. (Psych 5-11)

Ou seja, todas as vezes que no meio de nossos pensamentos perturbados gera-nos uma revolta, e nesta luta de paixões atormenta a nossa alma, e é ela que então age com liberdade com as melhores tropas ao alvoroço de desejos de nossos pensamentos. Assim, a alma é simultaneamente o agente e o espaço do conflito, para se opor aos vícios a alma vai buscar força a Cristo; as virtudes nascem, assim, da graça de Deus:

Pois, ótimo guia, não expuseste os cristócolos, privos das grandes virtudes e desprovidos de nervos, aos vícios devastadores. Tu mesmo ordenas combater os destacamentos saudáveis no corpo sitiado; tu mesmo dás armas aos melhores, e a habilidade para as artes, com que, poderoso na luta contra os enganos do coração, por ti batalhe e vença. (Psych. 12-17)

Fica evidente assim que os conflitos narrados ocorrem dentro da alma, procurando vícios ou virtudes assenhorar-se dela. “Sempre que surgir dentro de nossos sentidos a revolta e o embate das doenças debilite a alma” (Psych. 7-8). “Guerras terríveis fervem, agitam-se rodeadas de ossos; ruge também a natureza não simples do homem com as armas em discórdia, pois as vísceras, plasmadas do barro, pressionam a alma” (Psych. 902-905) quando se fala em bella osibus inclusa, localizam-se as guerras no amago do ser humano, ou seja, na alma reclusa no corpo. Desse encarceramento no corpo resultam limitações que originam os conflitos, sejam eles consequência das tendências pecaminosas do corpo ou mesmo dos resultados das paixões que afetam a alma.

PREFÁCIO

Fiel ancião, caminho inicial de todo crer,
Abrão, pai tardio de uma feliz
descendência,
a cujo nome foi acrescida uma sílaba,
dito Abrão para o pai, Abraão para Deus,
5 o qual conferiu à vítima um aval tardio,
ensinando, quando alguém quisesse
sacrificar junto ao altar,
o que ao coração é doce, é pio e a coisa
única
a ser oferecida ao Deus confiável com
alegria,
que nos sugere lutarmos com povos sem
Deus
10 e o mesmo conselheiro deu seu
exemplo;
e não gerasse o filho legítimo
por vontade de Deus, nascido da mãe
pela virtude,
antes que o espírito guerreiro superasse
com grande ruína
os portentos de um coração obediente.
15 Sem dúvida, reis cruéis haviam levado
Ló vencido,
então morador nas cidades pecadoras
Sodoma e Gomorra,

PRAEFATIO

Senex fidelis prima credendi uia
Abram, beati seminis serus pater,
adiecta cuius nomen auxit syllaba,
Abram parenti dictus, Abraham Deo,
5 senile pignus qui dicauit uictimae,
docens ad aram cum litare quis uelit,
quod dulce cordi, quod pium, quod
unicum
deo libenter offerendum credito,
pugnare nosmet cum profanis gentibus
10 suasit, suumque suasor exemplum
dedit,
nec ante prolem coniugalem gignere
deo placentem, matre uirtute editam,
quam strage multa bellicosus spiritus
portenta cordis seruientis uicerit.
15 uictum feroces forte reges ceperant
Loth inmorantem criminosis urbibus
Sodomae et Gomorrae, quas fouebat
aduenae
pollens honore patruelis gloriae.
Abram sinistris excitatus nuntiis
20 audit propinquum sorte captum bellica
seruire duris barbarorum uinculis:
armat trecentos terque senos uernulas,

às quais o estrangeiro valioso favorecia
como possuidor da grande honra da
glória do primo.

Abrão ouviu, comovido pelas notícias
funestas,

20 que o parente, aprisionado pela má
sorte da guerra,

era escravo nos rígidos grilhões dos
bárbaros:

põe em armas trezentos e dezoito
homens dentre seus escravos

que partem para atacar a retaguarda do
inimigo em movimento.

Um rico tesouro e uma nobre vitória
mantinham o inimigo

25 sitiado com as tropas capturadas.

Mais ainda, empunha a espada e, cheio de
Deus, vence

os reis orgulhosos em fuga e onerados
pelo peso do botim, esmaga os feridos,
quebra as correntes e libera a pilhagem:
ouro, moças, crianças, joias,
manadas de éguas, vasos, roupas e
novilhas.

O próprio Ló, desvencilhado das amarras
cortadas,

libertado, reergue as cabeças esfregando-
as com azeite.

Abrão, destruidor da vitória inimiga,
35 regressa glorioso com a prole do irmão,
para que a força dos piores chefes não
possuísse

essa descendência de sangue nobre.

Ainda agora o sacerdote presenteia o
homem,

pergant ut hostis terga euntis caedere.

quem gaza diues ac triumphus nobilis

25 captis tenebant inpeditum copiis.

quin ipse ferrum stringit et plenus deo

reges superbos mole praedarum graues

pellit fugatos, sauciatos proterit,

frangit catenas et rapinam liberat:

30 aurum, puellas, paruulos, monilia,

greges equarum, uasa, uestem, buculas.

Loth ipse ruptis expeditus nexibus

attrita bacis colla liber erigit.

Abram triumphi dissipator hostici

35 redit recepta prole fratris inclytus

ne quam fidelis sanguinis prosapiam

uis pessimorum possideret principum.

adhuc recentem caede de tanta uirum

donat sacerdos ferculis caelestibus,

40 dei sacerdos, rex et idem praepotens,

origo cuius fonte inenarrabili

secreta nullum prodit auctorem sui,

Melchisedech, qua stirpe, quis maioribus

ignotus, uni cognitus tantum deo.

45 mox et triformis angelorum trinitas

senis reuisit hospitis mapalia,

et iam uietam Sarra in aluum fertilis

munus iuuentae mater exsanguis stupet,

herede guadens, et cachinni paenitens.

50 haec ad figuram praenotata est linea,

quam nostra recto uita resculpat pede:

uigilandum in armis pectorum fidelium,

omnemque nostri portionem corporis,

quae capta foedae seruiat libidini,

55 domi coactis liberandam uiribus;

nos esse large uernularum diuites,

apenas saído de tão grande batalha, com
iguarias celestes,

40 o sacerdote de Deus, rei e também
muito poderoso,

cuja origem é de fonte totalmente
desconhecida.

Nenhum autor desvenda-lhe os segredos,
Melquisedec: de que ascendência, alguém
de antepassados

desconhecidos, tudo sabido unicamente
por Deus.

45 Em seguida, um grupo de três
diferentes Anjos

visitou novamente a cabana do velho
hospedeiro;

e já espanta a provecta Sara, tornada de
ventre fértil,

o encargo de proceder como mãe mesmo
exangue,

feliz com o herdeiro e desculpando-se da
risada.

50 Essa narrativa foi escrita como uma
figura

como nossa vida se refaz com um passo
correto:

é preciso vigiar em armas dos corações
fieis

e cada uma das partes de nosso corpo
que, dominada, venha a servir à triste
concupiscência,

55 a ser liberada em casa para as forças
reprimidas.

Somos largamente ricos em servos novos,
caso tenham força os trezentos e dezoito
adicionados

e desvendarmos a figura mística.

si quid trecenti bis nouenis additis
possint figura nouerimus mystica.

mox ipse Christus, qui sacerdos uerus est,

60 parente inenarrabili atque uno satus,

cibum beatis offerens uictoribus

paruam pudici cordis intrabit casam,
monstrans honorem trinitatis hospitae

animam deinde spiritus complexibus

65 pie maritam, prolis expertem diu,

faciet perenni fertilem de semine,

tunc sera dotem possidens puerpera

herede digno patris inplebit domum.

Logo o próprio Cristo, que é o sacerdote
verdadeiro,
60 nascido de mãe única e inenarrável,
oferecendo um alimento aos felizes
vencedores,
entrará na pequena choupana dos de
coração puro,
demonstrando a honra da Trindade
hospedada
tornará então fértil, com semente perene,
a alma
65 piamente unida pelos laços do espírito,
mesmo longamente sem prole;
então a mãe tardia, tendo o dom,
encherá a casa do pai com um herdeiro
digno.

Disponível em:

revistapandorabrasil.com/revista_pandora/PSYCHOMACHIA_86/PSYCHOMACHIA.pdf

O PREFÁCIO NARRATIVO-ALEGÓRICO

Na introdução do texto, é possível notar que está fundamentada no Antigo Testamento, mais especificamente em Abraão. Cabe ressaltar que, embora tenha uma influência bíblica, os versos não possuem uma ordem cronológica.

Já nesses versos, é iniciada a estrutura que perpassará todas as partes dos poemas; o autor expõe que os vícios são vencidos com o auxílio de Deus, ou seja, da graça, fazendo com que esse livro, além de seu caráter literário e histórico, seja também muito catequético.

“Mais ainda, empunha a espada e, cheio de Deus, vence os reis orgulhosos em fuga e onerados pelo peso do botim, esmaga os feridos, quebra as correntes e libera as pilhagens.” (Prefácio 26 a 29)

Veremos, alegoricamente, realidades teológicas que poderiam se desenrolar em grandes tratados, serem exprimidas em histórias muito bem-produzidas. Neste sentido, ele nos mostra que Abraão vence uma batalha com o auxílio de Deus e ganha como prêmio o direito de ter um filho, que para nós poderia representar a batalha que travamos com o Demônio quando iniciamos um namoro para não cometer nenhum pecado em relação a sexualidade, para enfim no casamento recebermos o direito de ter uma prole, aceita teologicamente pela Igreja.

Dessa maneira, ele se apropria de histórias bíblicas, as coloca em um enredo histórico e literário, acrescentando partes, elaborando uma versão própria de partes da Bíblia que já estamos acostumados a escutar.

Essa narrativa foi escrita como uma figura como nossa vida se refaz com um passo correto: é preciso vigiar em armas dos corações fiéis e cada uma das partes de nosso corpo que, dominada, venha a servir à triste concupiscência, a ser liberada em casa para as forças reprimidas. (Prefácio Psych. 50-54)

É tema recorrente de suas obras a tríplice concupiscência. As dificuldades pelas quais o protagonista de cada história passa, costumam ser ligadas a essas três raízes do pecado.

Mesmo que isso já tenha sido tratado nesse estudo, vejamos novamente de maneira simplificada o que seriam essas raízes:

Mas, que são essas três coisas que com razão se podem chamar de “raízes” do pecado? Trata-se de três libidos (libidines, em latim). As duas primeiras são chamadas por São João de “ἐπιθυμία” (lê-se: epithumía) – assim, há a “ἐπιθυμία τῆς σαρκὸς”, que é a concupiscência da carne, e a “ἐπιθυμία τῶν ὀφθαλμῶν”, que é a dos olhos –, pois estão radicadas na potência concupiscível do homem. A terceira, por sua vez, está na potência irascível: é a “ἀλαζονεία τοῦ βίου”, a soberba da vida.

A primeira, a *libido amandi*, é o apetite desordenado que “tem por objeto tudo o que pode fisicamente sustentar o corpo seja para a conservação do indivíduo, alimento, bebida etc., seja para a conservação da espécie, as coisas venéreas”. O objeto dessa concupiscência é tanto a gula quanto o sexo desordenado, que é o vício da luxúria. É curioso que, na mesma época em que se vê o fenômeno da anorexia, de meninas que morrem de fome porque não querem comer, percebe-se uma humanidade que busca o prazer venéreo, mas não quer assumir a responsabilidade dos filhos. As pessoas querem comer, mas não querem engordar; querem fazer sexo, mas não querem estar abertas à vida.

A segunda, a *libido possidendi*, “é concupiscência animal, e tem por objeto as coisas que não se apresentam para a sustentação e o prazer da carne, mas que agradam à imaginação [*delectabilia secundum apprehensionem imaginationis*] ou a uma percepção semelhante, por exemplo, o dinheiro, o ornato das vestes, e outras coisas deste gênero. É esta espécie de concupiscência que se chama de concupiscência dos olhos”.

A terceira é a *libido dominandi*. É a soberba fundamental de querer ser igual a Deus, como fez Satanás. Enraizada no irascível, essa libido deseja o bem enquanto algo árduo: “Quanto ao apetite desordenado do bem difícil, pertence à soberba da vida, sendo que a soberba é o apetite desordenado da excelência [*appetitus inordinatus excellentiae*].”

Texto escrito por Padre Paulo Ricardo

CONHEÇA-TE A TI MESMO

As batalhas que são narradas ao longo do poema nos mostram a necessidade de conhecermos a nós mesmos, pois são batalhas que não só prefiguram um campo material, mas que, em um sentido mais profundo, tratam de um plano espiritual. É uma espécie de Teologia Ascética, onde os protagonistas precisam passar por um período de purificação para, então, chegarem à vitória. Esse período de purificação passa por um conhecimento interno, mais teologicamente falando, pela via purgativa, onde os personagens em uma intimidade maior consigo mesmo, investigam o íntimo de suas almas, para entenderem o que lhes faltam para alcançar a vitória.

- Após a leitura do prefácio, realize a leitura das partes restantes do poema.

Ao longo do poema, veremos verdadeiras batalhas onde os exércitos que representam as *virtudes* confrontarão os exércitos que representam os *vícios*. O texto na íntegra pode ser encontrado na internet.



https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/PSYCHOMACHIA_86/PSYCHOMACHIA.pdf

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. O que caracteriza uma epopeia?

2. Diversas figuras de palavras e de linguagem serão utilizadas ou identificadas ao longo do poema. Pesquise, recorde e exemplifique os seguintes termos:

- *Alegoria*.
- *Personificação*.
- *Metáfora*.
- *Analogia*.

3. Qual é a história descrita neste prefácio?

4. Quais personagens bíblicos são citados e memorados?

5. Muitos vocábulos da nossa Língua Portuguesa derivaram do latim. Encontre na versão latina, ao menos doze vocábulos que são cognatos, ou seja, que consegue entender ou relacionar com as palavras de nossa língua, por haver proximidade do som ou grafia, e registre-os em seu caderno.

6. Este poema possui rimas?

7. Os versos (cada linha do poema), estão divididos em grupos de cinco. Como denominamos este conjunto de versos? Em quantos conjuntos está disposto o prefácio deste poema?



AULA 15

OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES, COMO COMPREENDER, ACOMPANHAR E ESTUDAR?

Objetivo: *todo poema épico é difícil de ser compreendido, por vezes, devido às referências, os símbolos e figuras de linguagem inseridas pelo autor. Nesta aula, vamos observar, na prática, uma forma de se compreender os poemas épicos sem, necessariamente, ter domínio sobre a teoria literária que é comumente empregada em seu estudo.*

INTRODUÇÃO



a aula passada, aprendemos os principais pontos a respeito da tradição literária que viria a inspirar a produção de Luís de Camões. Entretanto, um estudo deveras técnico pode, por vezes, diminuir o prazer de se ler um bom poema.

Assim, a seguir, através da prática, será demonstrado uma forma mais simples de se ler e compreender um extenso poema. Basta que, ao término de cada uma das estrofes, nos indagamos: “O que o poeta está dizendo?” para que reconstruamos uma imagem viva do poema e, assim, ao término da leitura, tenhamos uma sucessão de imagens que nos permitem compreender a composição do poeta.

OS LUSÍADAS, CANTO PRIMEIRO

1 As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

ESTROFE I

Camões começa com uma invocação heroica. "As armas e os Barões assinalados" remete diretamente aos feitos militares e aos nobres que realizaram essas façanhas. Ao mencionar "a Ocidental praia Lusitana", ele identifica claramente Portugal como o ponto de partida das aventuras. A referência a "mares nunca de antes navegados" e à "Taprobana" (antigo nome do Ceilão, atual Sri Lanka) destaca a ousadia e a inovação dos navegadores portugueses. Esses heróis enfrentaram perigos e guerras, superando os limites da força humana, e fundaram um novo reino em terras distantes, elevando-o a um estado sublime.

2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

ESTROFE II

Camões continua exaltando as memórias dos reis que expandiram tanto a fé cristã quanto o império português. Ao falar sobre as "terras viciosas de África e de Ásia", Camões refere-se à missão civilizadora e religiosa que os portugueses acreditavam realizar. Os reis e os guerreiros que realizaram obras valerosas são retratados como libertando-se da morte através de seus feitos imortais. Camões promete cantar essas memórias gloriosas por toda parte, desde que tenha engenho e arte suficientes para a tarefa.

3 Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

ESTROFE III

Camões faz uma declaração ousada: ele pede que cessem as celebrações das navegações e vitórias dos gregos e troianos, de Alexandre, o Grande, e do imperador romano Trajano. Ele chama a cantar os feitos dos lusitanos, que são dignos de obediência até dos deuses Neptuno (Poseidon, representação do mar) e Marte (Ares). Ao afirmar que "outro valor mais alto se alevanta", Camões eleva os feitos portugueses acima das glórias da antiguidade clássica, reivindicando um lugar superior para a epopeia lusitana.

4 E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

ESTROFE IV

Aqui, Camões invoca as Tágides, ninfas do rio Tejo, pedindo inspiração para seu poema épico. Ele reconhece que, anteriormente, celebrou o Tejo com versos humildes, mas agora solicita um som mais alto e sublime, um estilo grandiloquente e fluente.

5 Dai-me ãa fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

ESTROFE V

O poeta continua a invocação, pedindo uma "fúria grande e sonora" para compor seu poema. Ele quer uma inspiração não de um instrumento simples como a avena ou a flauta rústica, mas da tuba canora e belicosa, que incendeia o coração e muda a cor das expressões. Camões deseja criar um canto digno dos feitos gloriosos dos portugueses, que se espalhe e seja cantado em todo o universo, se tal grandeza puder ser expressa em versos.

6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

ESTROFE VI

Nesta estrofe, Camões dirige-se ao rei Dom Sebastião, exaltando-o como a "bem nascida segurança" da antiga liberdade lusitana e esperança certa para a expansão da cristandade. Ele é descrito como um novo temor para os mouros e uma maravilha de sua época, dada por Deus para ampliar a fé cristã. Camões apresenta o rei como um instrumento divino para levar uma grande parte do mundo a Deus.

7 Vós, tenro e novo ramo florecente
De ãa árvore, de Cristo mais amada
Que nenhua nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

ESTROFE VII

Camões continua a elogiar Dom Sebastião, referindo-se a ele como um "tenro e novo ramo florecente" de uma árvore amada por Cristo. Ele faz uma comparação entre o reino de Portugal e outras nações ocidentais, destacando a predileção divina por Portugal. A menção ao escudo com as armas que Cristo usou na cruz simboliza a vitória e a proteção divina conferida ao reino.

8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,

Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando deca o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

ESTROFE VIII

Na oitava estrofe, Camões se dirige diretamente ao rei, exaltando o seu império que o sol vê ao nascer, ao meio-dia e ao pôr do sol, simbolizando a vastidão e a glória do império português. Ele menciona a expectativa de libertação do jugo dos mouros, turcos e gentios, destacando a missão do rei de defender a cristandade contra os inimigos.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. O que Camões pretende destacar ao iniciar o poema com "As armas e os Barões assinalados"? Qual a importância de mencionar a "Ocidental praia Lusitana" e os "mares nunca de antes navegados"?
2. Como Camões descreve a expansão portuguesa e qual o papel dos reis e guerreiros nesse processo? De que forma ele sugere que esses feitos escapam da morte?
3. Por que Camões pede que cessem as celebrações das navegações e vitórias dos gregos e romanos? O que ele pretende ao afirmar que "outro valor mais alto se alevanta"?
4. Quem são as Tágides e o que Camões pede a elas nesta estrofe? Como ele relaciona sua invocação com a qualidade do seu poema?



AULA 18

COMENTÁRIO DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

– Leia a seguir trechos dos escritos de São João Crisóstomo:

A SALVAÇÃO PELA FÉ

A JUSTIFICAÇÃO

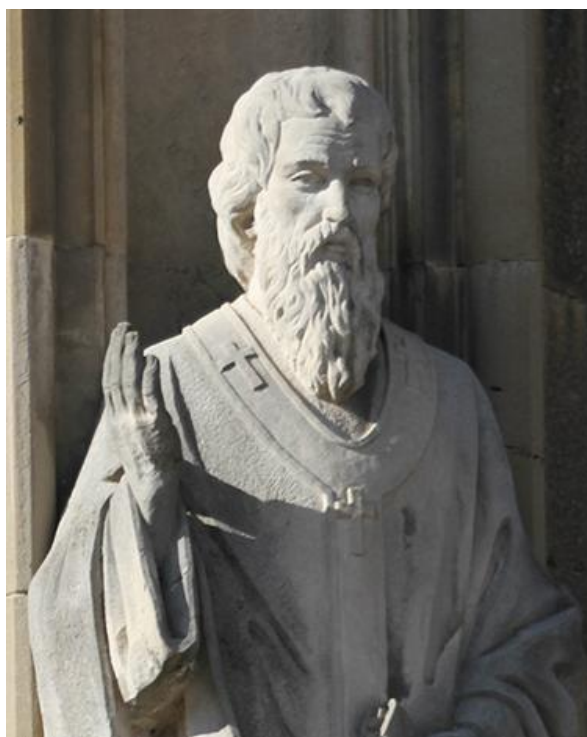


que dizes, Paulo? Devias dizer: “Eu me glorio, orgulho-me, vanglorio-me”, e não te exprimes deste modo, mas o que é pior, que não te envergonhas.

[...] O que, portanto, está dizendo? Porque assim fala, embora mais se glorie do evangelho do que do céu. De fato, na Carta aos Gálatas escreve: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6, 14).

Por que não diz aqui: “Glorio-me”, e sim: “Não me envergonho”? [...] Daí provinha que os cultuavam com templos, altares e sacrifícios. Por conseguinte, estando eles cheios de orgulho, enquanto Paulo devia anunciar-lhes Jesus, que era considerado filho de um carpinteiro [...] além

disso, morrera qual condenado entre ladrões e sofrera muitas outras ignomínias, e provavelmente os romanos ficariam envergonhados, [...] E tu, portanto, se ouvires alguém perguntar: Adoras um crucificado? Não te envergonhes, nem abaixes os olhos; ao contrário, gloria-te e regozija-te, e com olhos altivos e a fronte erguida, admite a confissão. E se de novo disser: Então, adoras um crucificado? [...] adoro aquele que pela cruz fechou a boca dos demônios, e aniquilou inúmeras feitiçarias. Efetivamente, a cruz por nossa causa constitui obra de inefável amor aos homens e símbolo de imensa solicitude. Responde Paulo àqueles



ditos, uma vez que eles se gabam de sua eloquência, e orgulham-se da filosofia pagã: Eu, rejeitando os silogismos deles, venho pregar a cruz, e disto não me envergonho.

É FORÇA DE DEUS PARA A SALVAÇÃO

É força de Deus também para castigar (pois, quando punia os egípcios, foi dito: “Este é meu grande poder”), e poder de arruinar (“Temei antes, assegura Cristo, aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena” [Mt 10, 28]); por isso disse: Venho trazer o que não acarreta pena e suplício, mas salvação. E então? Acaso o evangelho não anunciava também a geena, as trevas exteriores e o verme venenoso?

[...] Não simplesmente: “de todos”, mas dos que foram acolhidos. Pois, embora sejas gentio, embora sejas adepto de toda maldade, sejas cita, bárbaro, fera destituída de razão, e sobrecarregado sob o peso de inúmeros pecados, logo que aceitares a doutrina da cruz e fores batizado, tudo aquilo apagarás.

O primeiro não recebe mais que o segundo, nem o segundo do que o terceiro, mas todos fruem dos mesmos bens. Por conseguinte, aqui: “primeiro” é apenas título honorífico e não graça insigne. Em seguida, após ter dito: “Para a salvação”, novamente enaltece o dom, demonstrando que não se detém no presente, mas avança para o futuro. Assinala-o nesses termos:

porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: O

justo viverá da fé. Quem, por conseguinte, se tornou justo, viverá não apenas no século presente, mas igualmente no futuro. [...] Visando a que ninguém, ao

ouvir falar de salvação, tenha tal suspeita, acrescentou: “E a justiça”, justiça de Deus, não tua; dá a entender as suas larguezas e liberalidade.

Primeiro abre com uma breve palavra imenso mar de eventos para quem tem olhos para ver. De fato, ao dizer o Apóstolo: “Da fé para a fé”, remete o ouvinte àquele plano de Deus realizado no Antigo Testamento, que ele narra com muita sabedoria ao escrever aos hebreus, e manifesta que também naquele tempo justos e pecadores foram justificados;

[...] É razoável precisar da fé, porque os dons de Deus superam todo pensamento. O homem obstinado, desprezador e arrogante, nada conseguirá. Ouçam os hereges a voz do Espírito. Tal é, de fato, a natureza dos raciocínios deles: Assemelha-se a um labirinto e a um enigma in definido, que não permite ao pensamento fixar-se sobre base sólida e tem por princípio a arrogância. Eles se envergonham de aceitar a fé, e para não parecer ignorar as coisas celestes, jogam-se na poeira de mil cogitações. Então, tu, miserável e infeliz, digno de inúmeras lágrimas, se alguém te interrogar como foram criados o céu e a terra [...] como tu mesmo foste gerado, foste nutrido e crescestes, não te envergonhas de tua ignorância? [...] Não nos liberamos da maldade da vida presente a não ser pela fé. Foi desta forma que todos os ancestrais brilharam, tais como Abraão, Isaac e Jacó; assim se salvaram as pecadoras, tanto na Antiga como na Nova Aliança. [...] Se, na verdade, dissesse isso a si mesma, causaria a própria perdição e a dos seus, conforme aconteceu aos antepassados dos que então se salvaram. Eles,

tendo visto homens grandes e gigantes, procuravam a possibilidade de vencer; e pereceram todos, sem guerra nem combate [...] Cientes disso e de muitos outros feitos, nunca reclamemos saber de Deus qual a razão dos acontecimentos, mas recebamos bem seja o que for que ele mandar. [...] No entanto, o justo (Abraão), ao receber tal ordem, não examinou indiscretamente a ordem, mas recebeu o mandato e obedeceu, por causa da dignidade de quem ordenava. [...] Se, porém, é perigoso perscrutar o que Deus ordena, e o supremo suplício é destinado aos que examinam indiscretamente, que defesa terão os que examinam realidades muito mais secretas e tremendas, a saber, por que e de que modo gerou o Filho e qual é a sua substância?

OS PAGÃOS SOB A IRA DE DEUS

Vê a prudência de Paulo! Tendo começado uma exortação mais suave, passa para outra mais assustadora. Após asseverar ser o evangelho causa de salvação e de vida porque é poder de Deus, artífice de salvação e justiça, profere palavras que podem ocasionar terror aos desprevenidos. A maioria dos homens costuma deixar-se levar à virtude não tanto pelas promessas dos bens quanto pelo temor das coisas aflitivas, por isso ele das duas maneiras os alicia. Igualmente por esta razão, Deus não apenas prometeu o reino, mas também ameaçou com a geena [...] Paulo também diversifica a palavra, não indistintamente, mas primeiro trata das coisas melhores e em seguida das tristes, mostrando que aquelas promanam de prévia sentença de Deus, estas, ao invés, provêm da malícia dos negligentes. [...] Se, portanto, abusardes dos próprios dons, hão de perdurar os acontecimentos tristes. E vê como eleva o tom do sermão: “Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus, do alto do céu”. Onde se evidencia? Se é um fiel que o diz, vamos proferir as sentenças de Cristo; se um infiel ou grego, Paulo lhe fecha a boca com as palavras seguintes, onde trata do juízo de Deus, extraindo irrefutável argumento dos atos deles. [...] O que, portanto, há de estranho? Que o castigo será maior, comum e não pelas mesmas causas. Agora, contudo, acontecem para emenda, outrora por castigo. É o que dizia Paulo, nesses termos: “Mas o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo” (1 Cor 11, 32). [...] E por que não diz abertamente que o Filho de Deus há de vir com inúmeros anjos para pedir contas a cada um, mas diz: “Manifesta-se, com efeito, a ira de Deus”? Os neófitos eram ainda ouvintes; por isso, em primeiro lugar, os atrai por aquilo que confessaram com firmeza.

Com efeito, o erro é vário, multiforme e confuso; a verdade, porém, é uma só. Tendo falado dos dogmas, trata igualmente da vida, lembrando a injustiça dos homens. Na realidade, as injustiças são várias: uma, por causa das riquezas, por exemplo, se alguém relativamente a esta questão lesa o próximo; outra, no atinente às mulheres, se alguém abandona a própria esposa, e desfaz as núpcias de outrem, ao que Paulo dá o nome de fraude, nesses termos: “Nessa matéria ninguém lese ou defraude a seu irmão” (1 Ts 4, 6). Outra injustiça, porém, danifica o próximo, não quanto à mulher ou ao dinheiro, mas quanto à fama. Pois: “É preferível um bom nome a muitas riquezas” (Pr 22, 1). Alguns, na verdade, opinam que Paulo interpreta isso como sendo a respeito da doutrina; de resto, nada impede que tenha sido dito acerca de ambos os assuntos. O que significa, porém: “Que mantêm a verdade prisioneira da injustiça”, podes concluir do que se segue.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Explique por que, segundo São João Crisóstomo, São Paulo opta por não se envergonhar da cruz de Cristo em vez de se gloriatar abertamente.
2. Com base no comentário de São João Crisóstomo, descreva o entendimento de São Paulo sobre a justiça de Deus revelada "da fé para a fé".
3. Compare a "justiça de Deus" com a justiça humana segundo São João Crisóstomo. Como ele destaca a diferença entre os dons divinos e as ações humanas, e de que maneira isso reflete na compreensão cristã da salvação?
4. Analise como São João Crisóstomo descreve a reação dos pagãos à pregação de São Paulo sobre a cruz e a salvação. Por que a mensagem do evangelho provocava vergonha e desprezo entre os pagãos, e como Paulo sugeriu que os cristãos respondessem a tais desafios?



AULA 20

DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DOS GENTIOS

Objetivo: Explorar os desafios e as perspectivas dos missionários na conversão dos indígenas brasileiros ao cristianismo, conforme descrito no "Diálogo sobre a Conversão dos Gentios". Analisar os argumentos e as condições que dificultavam a evangelização, compreendendo as diferentes opiniões sobre a natureza dos indígenas e as estratégias sugeridas para a sua conversão.

CONDICIONES INDORUM QUÆ CONVERSIONI CHRISTIANÆ OPPONUNTUR



Gonçalo Alvarez: Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão incarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto ha pedras.

Matheus Nogueira: Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoraram alguma cousa; mas, como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fica nada.

Gonçalo Alvarez: O que bem dizeis, quão fora estes estão de se converterem hum dia 5 [cinco mil] e no outro tres mil por huma soo pregação dos Apostolos, nem de se converterem reinos, cidades, como se fazia no tempo passado por ser gente de juizo.

Matheus Nogueira: Huma cousa tem estes pior de todas, que quando vem à minha tenda, com hum anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter, por serem incostantes, e não lhes entrar a verdadeira fee nos corações. Ouvi eu já hum evangelho a meus Padres, omde Christo dizia: «Não deis o Sancto aos cães, nem deiteis

as pedras preciosas aos porquos». Se alguma geração há no mundo, por quem Christo N. S. isto diga, deve ser esta, porque vemos que são cãis em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão porque alguns Padres que do Reino vierão os vejo resfriados, porque vinhão cuidando de converter a todo brasil em huma hora, e vem-se que não podem converter hum em hum anno por sua rudeza e bestialidade

Gonçalo Alvarez: Ora isso deve sser, porque não sei a qual ouvi, que quando vinhão na nao, maginavão-se hum São João Bautista junto de hum rio Jurdaam a bautizar quantos a elles viessem.

Matheus Nogueira: Se forão tainhas do Piraiqué podera ser. . .

Gonçalo Alvarez: Não há homem en toda esta terra, que conheça estes, que diga outra cousa. Eu tive hum negro, que criei de pequeno, cuidei que hera boom christão e fugiu-me pera os seus: pois quando aquelle não foi boom, não sei quem o seja. Não hé este o que soo me faz desconfiar destes serem capazes do bautismo, porque não fui eu soo o que criei este corvo; nem sei se hé bem chamar-lhe corvo, pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos, se crião e amañão e ensinão, e estes, mais esquecidos da criação que os brutos animais, e mais ingratos que os filhos das biboras que comem suas mãis, nenhum respecto tem ao amor e criação que nelles se faz

Matheus Nogueira: Pois que rezõis mais vos move[m] a desconfiar de nossos Padres, que a isso forão mandados do Senhor pera lhes mostrarem a fee, não farão fructo nestas gentes? Por de mais!

Gonçalo Alvarez: Muito bem lhes chamais. Sabeis qual hé a mor dificuldade que lhes acho? Serem tam faciles de diserem a tudo si ou pâ, ou como vós quizerdes; tudo aprovão logo, e com a mesma facilidade com que dizem pâ, dizem aani. E se algumas vezes chamados dizem neim tia, hé polos não emportunardes, e mostra-oo bem a obra, que se não hé com o bordão não se ergem; pera beber nunca dormem! Esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a esperientia de nenhum fructo de tanto pâ, tem quebrado os corações a muitos. Dizia hum de nossos Irmãos que estes erão o filho que disse no Evangelho a seu pai, que o mandava, que hia e nunca foy

ET HOMINES, SICUT NOS

Gonçalo Alvares: Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer que estes não erão proximos, e porfião-no muito, nem tem pera si que estes são homens como nós

Matheus Nogueira: Bem! Se elles não são homens, não serão proximos, porque soos os homens, e todos, maos e boons, são proximos. Todo o homem hé huma mesma natureza, e

todo pode conhecer a Deus e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer que era proximo. Prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Christo N. S. que aquelle hé proximo que usa de misericordia.

Gonçalo Alvares: Deveis de ter boa memoria, porque vos lembrão bem as cousas que ouvís. Ouvistes já disputar entre os Irmãos ou falar nisto, em que praticamos da conversão destes gentios?

Matheus Nogueira: Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus Irmãos se fala disso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa. Cada hum fala de seu officio, e como elles não tem outro, senão andar trás esta ovelha perdida, sempre tratão dos inpedimentos que achão pera a trazer.

Gonçalo Alvares: E que comcruem ou em que se detreminão os mais dos que nesse officio andão, das partes que achão nestas gentes pera virem à nossa sancta fee?

Matheus Nogueira: Todos remetem o feito a Deus, e determinão de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assi porque a obedientia lho manda, como porque não fique nada por fazer a esta gente. Alguns não tem quá grande esperança della, olhando a sua rudeza e as cousas da fee serem delicadas, e que requerem outros entendimentos e costumes, porque dizem elles que hé mui grande dispocissão pera hum vir a ser christão, ter mui boom entendimento (que, ainda que soo este não abasta pera entender as cousas da fee, ajuda a lhe fazer entender que não há nella cousa que seja contra a rezão natural) de que estes carecem; e daqui dizem que naceo que no tempo dos Apostolos, quanto os homens erão mais sabios e de boa vida, mais facilmente vinhão ò conhecimento da verdade, e os martires mais lhos contrariavão os maos costumes dos tiranos, que as rezõis que nenhum delles tivesse contra o que lhe pregavão; e que, porque estes gentios não tem rezõis e são muito viciosos, tem a porta serrada para a fee naturalmente, se Deus por sua misericordia não lha abrisse.

OPINIONES CIRCA CONVERSIONEM INDORUM

Gonçalo Alvares: Parecem boas rezõis essas, a memoria das cousas de Deus. Dizeime, Irmão, por amor de de N. Senhor, não há, entre meus Irmãos e Padres, quem estê da parte destes negros?

Matheus Nogueira: Todos, porque todos os desejão converter e estão detreminados de morrer na demanda, como disse

Gonçalo Alvares: Não duvido eu que todos tem esses desejos, mas como isso hé cousa de necessidade, quizera eu que ouvera hum que dera rezõis pera nos acender o fogo; e, pera vos falar por nossos termos, quizeramos huns foles pera nos asoprar o fogo que se nos apaga

Matheus Nogueira: Não falta isso, bastão os nossos Padres pera fazer fogo artificial que nos queime a todos os que neste negotio nos ocupamos, porque como o elles devem de

ter no espírito, não fazem senão destruir rezões e dar outras, ainda que a frios como eu, não satisfazem.

Gonçalo Alvares: Por quê?

Matheus Nogueira: Porque todas ellas parece que não convem mais, senão que, já que avemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervor, o que a todos nos convem muito, pois, segundo a charidade com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará quando chamar à tarde os obreiros pera lhes pagar seus jornaes, os quais já ouvireis que só derão, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervor, amor e diligentia que se puzer na obra.

Gonçalo Alvares: Não falemos como ferreiro.

Matheus Nogueira: Não sei como falo, falo como me vem à boca, se for mal dito perdoai, que não hé ninguém obrigado a mais que ao que tem e sabe

REDUCTIS INDIS SUB DITIONEM, FACILIOR EVENIT EORUM FILIORUM ET NEPOTUM EDUCATIO

Gonçalo Alvares: Deixemos, isto! Sou tão descuidado que logo me esquece que esperais, como vos louvão, como o fio quente quando o batem! Eu me guardarei de vos dar mais martelada porque me não queime. Por amos de Deus que me digais algumas das rezões que os Padres dão pera estes gentios virem a ser christãos? Que alguns tem asertado que trabalhamos debalde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sogeito, e que com medo venha a tomar a fee

Matheus Nogueira: E isso que aproveitaria se fossem christãos por força, e gentios na vida e nos costumes e vontade?

Gonçalo Alvares: Aos pais, dizem os que tem esta opinião, que pouco, mas os filhos, netos e dahi por diante o poderião vir a ser, e parece que tem rezão.

Matheus Nogueira: E a mi sempre me pareceo este muito bom e melhor caminho, se Deus assi fizesse, que outros. Não falemos em seus segredos e potentia e sabedoria que não há mister conselheiros, mas humanamente como homens assi falando, este parece o melhor e o mais certo caminho

Gonçalo Alvares: Mas as rezões dos Padres, se vos lembrão, desejo ouvir, porque as que eu apontei no princípio não sei como mas elle[s] desfarão

Matheus Nogueira: Olhai quá, Irmão, a charidade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

Gonçalo Alvares: Nisso me parece que vós não tendes rezão, porque a charidade não poderá tirar a verdade, e mais que rezões pertencem ao entendimento, e a charidade à vontade,

que são cousas diferentes. Asi como o fogo não tira ao ferro senão a escória, e não gasta o ferro limpo e puro: se as rezõis são boas a charidade não será contra ellas, porque seria contra a verdade, e assi não fiquaria caridade senão pertinatia.

Matheus Nogueira: Parece-me que hé isso verdade, e que onde ouver sobejo zelo, às vezes averá segar-se as rezõis ou usar pouco dellas, o que cada dia se vê nos muito afei- çoados a huma cousa.

Gonçalo Alvares: E isso não hé mao?

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Com base nos argumentos apresentados por Gonçalo Alvarez e Matheus Nogueira, descreva os principais desafios enfrentados pelos missionários na conversão dos indígenas brasileiros ao cristianismo.
2. Analise as perspectivas opostas de Gonçalo Alvarez e Matheus Nogueira sobre a possibilidade de conversão dos indígenas. Como cada um dos personagens justifica seu ponto de vista, e quais são os argumentos mais convincentes?
3. Discuta a visão dos missionários sobre a natureza dos indígenas brasileiros, conforme descrita no diálogo. Como essa visão impactou as tentativas de evangelização?
4. Investigue a resiliência e a motivação dos missionários, apesar das dificuldades encontradas na evangelização dos indígenas. O que os impulsionava a continuar seu trabalho?

The image shows a decorative book cover with a central title label. The label is a horizontal rectangle with a double-line border and a small notch on each of its four corners. It is centered on the page. Above and below the label are two identical semi-circular decorative elements, each consisting of two concentric arcs and two small circles at the ends. The entire central composition is enclosed within a large rectangular frame. The top and bottom borders of this frame are filled with a dense, repeating pattern of stylized leaves and scrolls. The left and right borders are simpler, consisting of a single line with a repeating diamond or lattice pattern. The corners of the frame are decorated with small, stylized floral motifs. The entire design is rendered in a dark brown color on a white background.

LITERATURA – VOLUME 8

LITERATURA CATÓLICA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – VOLUME 08

Séculos IV e V

– Santo Agostinho (354 d.C.–430 d.C.)

Obras:

– Leitura mensal: Confissões, de Santo Agostinho (recomendamos, veementemente, que leiam este livro, mesmo que seja em substituição às aulas da apostila, diante da grandiosidade da obra).

– A Cidade de Deus, de Santo Agostinho - trechos (disponível online).

LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante os três anos do Ensino Médio elaboraremos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Literatura.

Encontre a imagem apresentada no modelo abaixo ou semelhante, ou faça a ilustração do Santo, conforme preferir. Elabore e ordene a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo.

Sugerimos que utilize **sempre a folha de papel sulfite na posição horizontal**, para estabelecer um padrão e para que seu trabalho fique organizado.

Abaixo de cada imagem você deverá acrescentar **o nome do Santo e uma frase sua significativa** ou que remeta a ele, e deverá memorizá-la.

Ao término do Ensino Médio você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e estudos que foi realizando por meio de cada leitura.

Siga o modelo:

SÉCULOS IV E V



Santo Agostinho

(354 d.C.–430 d.C.)

LEITURA MENSAL

Indicamos as seguintes edições:

– Agostinho, Santo. **Confissões**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, 2004.

Ou

– Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística; 10).

Esta obra e edição também consta disponível online, para download.

Tendo visto a trajetória de santidade percorrida por Agostinho, não seria diligente se não adentrássemos em uma de suas obras mais conhecidas e importantes para a Igreja. Escrita dez anos após sua conversão, esta autobiografia – repleta de meditações das Sagradas Escrituras – espelhou a alma inquieta e perturbada de Santo Agostinho nos tempos em que viveu iniquamente.

“Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.” (I,1)

Por isso, o título *Confissões* corresponde ao objetivo para o qual foi escrito: confessar os pecados e louvar a Deus por Sua Misericórdia. Não há preocupação em tornar sua vida uma versão idealizada, pelo contrário, Agostinho expõe suas fraquezas humildemente, como um ato de reparação; descobre-se obscuro, ao analisar-se profundamente, no cerne de suas motivações, e julga-se uma terra de dificuldades.

Ele analisa seu passado sem piedade para consigo mesmo, reconhecendo a mão de Deus que, pacientemente, o esperava em meio às suas misérias, assim, ele compreendeu que “a aversão de Deus pela qual o homem se afasta d’Ele é sua perversão”. Perversão esta que é consequência do aprisionamento da liberdade do homem quando ele se torna incapaz de conhecer sua verdadeira natureza pela demasiada preocupação na correspondência dos desejos mundanos.

Por isso, é possível contemplar a Bondade de Deus, dado que, o homem que chegou a este estado de vida não pode voltar a Deus por esforço próprio, mas depende da ação da graça divina, sempre disposta. O mais interessante ocorre ao pensar que, como descrito no livro III: “Deus está mais interior em mim, que meu próprio íntimo, pois não se poderia procurar por Deus se Deus já não estivesse presente”. E isto não foi verdade somente na existência de Santo Agostinho, ou no auge de sua entrega à santidade, Deus está no mais profundo do ser de cada um.

Estrutura da obra

Confissões é composta por treze livros, sendo nove deles autobiográficos; neles Santo Agostinho faz reflexões acerca de sua infância e adolescência; e quatro foram agregados posteriormente, por solicitações, onde o décimo se refere a uma análise perspicaz de seu estado de espírito no momento em que escrevia, e, do décimo primeiro ao décimo terceiro faz uma análise comentada dos primeiros versículos do Gênesis.

Devido à linguagem aperfeiçoada do Doutor da Graça, recomendamos que, ao decorrer da leitura de *Confissões*, busque o significado das palavras não compreendidas e anote-as em seu caderno.

LIVRO I: DO NASCIMENTO AOS QUINZE ANOS

1. Em seu colóquio com Deus neste primeiro livro, Santo Agostinho constata verdades de Fé. Quais são elas?
2. *“Acolheram-me, então, as doçuras do leite humano; mas não eram minha mãe nem minhas amas que enchiam os seus seios. Eras tu, Senhor, que me davas por meio delas o alimento da infância, segundo o plano pelo qual dispuseste todas as riquezas até o mais profundo das coisas. Fazias também com que eu não desejasse mais do que me davas, e às minhas amas que não me quisessem dar senão o que lhes concedias: movidas por afeição desordenada, davam-me aquilo de que tinham em abundância, graças a ti. O bem, delas recebido, era para elas igualmente um bem, do qual não eram elas a origem, mas intermediárias dele; porque de ti, ó Deus, me vêm todos os bens, e do meu Deus toda a minha salvação! Percebi isso mais tarde, quando bradaste através desses mesmos dons que interior e exteriormente concedes. Mas, então, eu nada mais sabia senão sugar o leite, aquietar-me com o que agradava aos meus sentidos, e chorar o que importunava a minha carne, e nada mais.”*
 - a) Através deste excerto, reflita sobre o pouco reconhecimento que damos a Deus por todos os bens com que nos cumula. Escreva em seu caderno situações de sua infância em que pode reconhecer claramente a presença e graça divina, que estavam por trás de todo bem que recebeu.
3. Discorra sobre a razão pela qual as pessoas deixaram de aspirar o Céu e elevar seus pensamentos a Deus diante do mundo.
4. Quais são as perfeições de Deus?
5. Qual foi o motivo que fez com que Santo Agostinho se desinteressasse pelo estudo? Sua falta de zelo nesta época o levou a buscar um divertimento; explique como se deu esta situação que o levou a pecar.
6. Por qual motivo Santa Mônica adiou o Batismo de seu filho?
7. Como Santo Agostinho enxergou a Providência Divina no Capítulo 12: “Deus tira o bem até do mal”?

8. Por qual língua Santo Agostinho se encantou? E qual foi a que teve maiores dificuldades no aprendizado? Contextualize.
9. Compare estas situações vividas por Agostinho com as que viveu. Existem semelhanças? No que se distinguem?
10. Reduza a crítica que Santo Agostinho formula sobre a mitologia em uma única frase.
11. Como Santo Agostinho descreve a inteligência? Qual é o seu incômodo em relação a *ela* expressa neste livro?
12. Apesar da importância transcendente do estudo pelo qual adquirimos o conhecimento e, desta forma, conhecemos e crescemos na intimidade com Deus, há outro ponto questionado por Santo Agostinho facilmente visto na sociedade atual; que ponto é este?
13. Faça uma análise crítica e comparativa da maneira com que Santo Agostinho e a sociedade moderna consideram o estudo.
14. Comente o Capítulo 20: “Tudo é dom de Deus”.

LIVRO II: OS DEZESSEIS ANOS

15. Após a leitura das *Confissões*, especialmente do Livro II, o que você responderia caso alguém dissesse que Santo Agostinho recorda e transcreve seus pecados publicamente por orgulho?
16. O que atraía Agostinho nas relações humanas? Faça uma comparação com a forma como as pessoas se relacionam atualmente, em pleno século XXI.
17. Descreva os prejuízos do ócio, citados por ele no Capítulo 3: “O ócio favorece o desencadeamento das paixões”.
18. A quem Santo Agostinho narra suas confissões? Transcreva o parágrafo em que isto está explícito.
19. Qual foi a origem do pecado identificada em que ele e outros rapazes furtaram peras? Mais adiante, ainda no mesmo livro, Santo Agostinho narra a influência das más companhias (Capítulo 9). Faça menção ao que está descrito em ambos os capítulos na sua resposta. Como estas afirmações de Agostinho estão presentes em sua vida? Já percebeu os frutos que as más companhias podem trazer?
20. No Capítulo 6 “As paixões dão satisfações ilusórias; somente Deus pode saciar as exigências do espírito humano”, Santo Agostinho descreve pecados, o que eles buscam e a contrariedade e irracionalidade deles diante da Grandeza de Deus. Faça uma tabela em seu caderno contendo essas informações; posteriormente, analise sua consciência sinceramente, para que, imitando a honestidade de Santo Agostinho consigo mesmo, possa dar um passo de correspondência à Graça.

21. A Bondade de Deus, descrita no Capítulo 7, não nos permite desesperar. Reescreva o trecho que mais chamou sua atenção.

LIVRO III: JOVEM ESTUDANTE

22. Qual conselho Santo Agostinho oferece aos leitores contra a impureza?
23. É possível existir uma benevolência malévola? Explique.
24. No Capítulo 4, o livro Hortênsio, de Cícero, desperta em Agostinho o amor à sabedoria. É possível observar que Santo Agostinho eleva o conceito de filosofia a Deus. Em que trecho isto se torna mais visível? Escreva-o em seu caderno.
25. A primeira aproximação de Santo Agostinho com as Sagradas Escrituras foi bem-sucedida? Como se deu?
26. *“Eu ignorava a outra realidade, a verdadeira, e era levado a aceitar o que me parecia o penetrante raciocínio de estúpidos impostores, quando me faziam perguntas sobre a origem do mal, se Deus se circunscreve a uma forma corpórea. (...) Na minha ignorância, ficava perturbado com tais perguntas, afastando-me da verdade enquanto acreditava aproximar-me dela. Pois eu não sabia que o mal é apenas privação do bem, privação esta que chega ao nada absoluto. Mas teria podido conhecer a verdade, se meus olhos só atingiam o corpo e meu espírito não via mais do que fantasias?”*
- a) Este trecho do Capítulo 7 nos mostra a percepção de Santo Agostinho em relação aos erros da seita maniqueísta. Quais erros são evidenciados?
27. Quais são os “Fundamentos Naturais da Moral” (Capítulo 8)? Descreva os novos aprendizados que foram adquiridos após a leitura deste tópico.
28. Por que é difícil julgar os homens?

LIVRO IV: O PROFESSOR

29. *“Sem ti, o que sou eu para mim, senão um guia a caminho do abismo? Que sou eu quando tudo me corre bem, senão alguém que te suga o leite e se nutre de ti, ó alimento incorruptível? E o que vem a ser o homem, qualquer homem, visto que é apenas homem? Zombem de nós os fortes e poderosos: nós, miseráveis e fracos, não cessaremos de nos confessar a ti.”*
- a) Santo Agostinho apresenta uma mudança abrupta de postura neste trecho, retirado do primeiro capítulo deste quarto livro, comparado ao que está escrito parágrafos antes. Ao deparar-se com a indignidade humana, ele vence o quê?
30. *“Esse gênero de doença só tu és o médico que o curas, tu que resistes aos soberbos e dás a graça aos humildes”.*
- a) A que doença Santo Agostinho se refere?

- b) Em qual oração mariana está contida a frase sublinhada?
31. O que ensinou o famoso médico a Santo Agostinho (Capítulo 3 “Interesse pela Astrologia”)?
32. *Faça* uma síntese dos Capítulos:
- a. - 8 “A vida recomeça”.
 - b. - 9 “Feliz quem ama a Deus”.
 - c. - 10 “Destino efêmero das criaturas”.
 - d. - 11 “Só Deus é estável”.
 - e. - 12 “Exortação à procura da felicidade em Deus”.
33. Quais foram os argumentos demonstrados por Santo Agostinho para constatar que a soberba afasta Deus do homem (Capítulo 15)?
34. Com que idade Santo Agostinho leu e compreendeu, sozinho, toda a obra de Aristóteles? Isto o ajudou ou o atrapalhou? Fundamente sua resposta baseando-se no Capítulo 16 intitulado “As dez categorias de Aristóteles”.

LIVRO V: DA ÁFRICA À ITÁLIA

35. Do mesmo modo que Santo Agostinho, nos dois primeiros capítulos deste Livro V, escreva uma oração pessoal considerando a Misericórdia e a Consolação de Deus.
36. O que fazem os cientistas contrários aos cristãos (Capítulo 3)?
37. O que sustenta os fiéis em suas fraquezas nos primeiros passos da fé? Justifique porque esta sustentação possui um limite (Capítulo 5).
38. Santo Agostinho demonstra, no Capítulo 7, suas decepções em relação ao maniqueísmo. De que ele se queixa?
39. Finalmente se desloca para Roma. O que a Providência Divina dispôs para levá-lo até à sede da Igreja de Cristo? Como se deu o início de sua estadia nesta nova cidade?
40. Nesta época, qual era a postura de Santo Agostinho a respeito da confissão (Capítulo 10)?
41. Qual dificuldade era encontrada por ele ao tentar se reaproximar da fé católica (Capítulo 10 e 11)?

LIVRO VI: AGOSTINHO AOS TRINTA ANOS

42. *Em* que estado de alma Santa Mônica encontra seu filho em Milão?

43. *Nos* Capítulos 3 e 4, Agostinho descreve a figura de Ambrósio, que era apostólica por si só. Qual a importância da santidade do Bispo de Milão para com o catolicismo e a futura conversão de Agostinho?
44. “Prefiro agora a fé católica” é o nome que leva o Capítulo 5 deste livro. Escreva três pontos que Santo Agostinho elabora para declarar esta preferência.
45. Santo Agostinho, se lamenta de suas ambições no Capítulo 6 “A miséria da ambição”. *Quando* ele as percebe?
46. Alípio e Nebrídio fruía de virtudes que Agostinho admirava. Relate-as.
47. *Defina perplexidade em seu caderno*. Tendo como base o Capítulo 11 “Perplexidades de Santo Agostinho”, responda, em suma, qual é a maior perplexidade que ele enfrentou.
48. *Sobre* o Matrimônio:
- a) Por qual motivo Santo Agostinho e Alípio, um de seus amigos de confiança, desejaram constituir um casamento?
 - b) Qual é o problema da vida matrimonial para a realidade espiritual de Agostinho?
 - c) Santa Mônica incentiva esse estado de vida para seu filho por uma razão específica; qual é ela?

LIVRO VII: A BUSCA DA VERDADE

49. O que Santo Agostinho afirmou sempre ter pensado e se regozijou por estar em consonância com a doutrina católica? Apresente a argumentação do Santo Doutor.
50. Qual equívoco comete ao conceber a essência de Deus?
51. Nebrídio costumava fazer uma objeção e, com ela, atingia a todos que a ouviam. Escreva-a em seu caderno.
52. Quais explicações Agostinho dá a Firmino para atestar a incongruência da astrologia?
53. Nesta época, em busca da origem do mal, Santo Agostinho já acreditava em verdades de Fé essenciais. Cite-as. Cite também o que ele lamenta que poderia ter sido o equilíbrio perfeito e o centro de sua salvação.
54. O que faltou estar nos livros neoplatônicos que Agostinho leu? O que lhe aconteceu durante essas leituras?
55. O Santo explicita que há fragmentos da Verdade nas doutrinas pagãs, mas Deus **sempre** contraria a lógica do mundo. Como?
56. Explique, de acordo com seu entendimento, o Capítulo 12 “Tudo que existe é bom, o mal não é uma substância”.

57. É lícito desejar que as coisas que existem deixem de existir?

58. *“Por outro lado, os justos são tanto mais parecidos com os elementos superiores da criação, quanto mais se tornam semelhantes a ti!”*

a) Por que os justos se tornam mais semelhantes a Deus?

59. A ascensão na descoberta de Deus, ou seja, a conversão de Santo Agostinho, é descrita como?

60. De que forma Agostinho entendia a figura de Jesus Cristo? O que faltava a ele para compreender a natureza Divina de Nosso Senhor?

61. Comente, ponderando a História da Igreja, a frase: *“Era realmente necessário que houvesse heresias, a fim de que os firmes na fé se distinguissem dos fracos”*.

62. No Capítulo 20 “A fé provém da humildade e a humildade não se aprende em livros de filósofos”, Santo Agostinho demonstra que, pela falta de humildade é que se afastava da virtude teologal. Por isso ele escreve uma forma pela qual teria sido mais piedoso. Qual foi o caminho indicado?

63. Por que a leitura de São Paulo foi benéfica para Santo Agostinho?

64. Desde o primeiro capítulo do oitavo livro, Santo Agostinho narra o início de mudanças sérias e fundamentais. O que mudou em sua vontade?

LIVRO VIII: A CONVERSÃO

65. Quais dificuldades descreveu que ainda o atrapalhavam em relação a sua vida no mundo?

66. Como se deu o encontro com Simpliciano, a quem chamou de servo fiel no qual brilhava a graça de Deus?

67. A qual conclusão Santo Agostinho chega após citar as alegrias da conversão de Vitorino e encontrar-se entre duas vontades contrastantes?

68. Qual papel exerceu Santo Antão na vida, sobretudo no processo de conversão, de Santo Agostinho? De que maneira o exemplo da vida monástica o impactou?

69. Ponticiano foi providencial para que Agostinho enxergasse a si mesmo e se horrorizasse pela vida que levava; mas, Santo Agostinho não se deixou paralisar pelas covardias da carne. Em que momento de sua escrita, neste oitavo livro, torna isso claro aos leitores?

70. Ao vencer suas misérias humanas, Santo Agostinho nos dá o exemplo de guiar-nos racionalmente. Por conseguinte, responda à pergunta que nomeia o Capítulo 9: “Por que razão a vontade é ineficaz?”

71. Escreva qual é a definição demonstrada por Santo Agostinho ao se opor aos argumentos dos maniqueístas, que afirmam existir na alma humana uma natureza boa e uma má.

72. “*Hesitava em morrer para a morte e viver para a vida*”. A que Agostinho está se referindo?
73. Qual versículo da Carta de São Paulo aos Romanos despertou “uma luz de certeza” em meio as mais amargas dúvidas em que se encontrava Santo Agostinho?

LIVRO IX: O BATISMO E A VOLTA PARA A ÁFRICA

74. Qual foi a primeira decisão que Santo Agostinho tomou após agradecer e louvar a Deus pela graça que recebera?
75. Inspirados pelas palavras de Santo Agostinho, leia o Salmo 4, transcreva-o em seu caderno, e, por fim, faça o registro de uma sucinta meditação.
76. “*Aqueles que pretendem encontrar a alegria fora de si mesmos facilmente encontram o vazio*”. Explique esta sentença proferida por Santo Agostinho.
77. O Santo doutor envia uma carta ao Bispo de Milão, Santo Ambrósio, comunicando sua intenção de receber o Batismo; pede-lhe, então, uma recomendação de leitura para preparar-se bem; qual foi a recomendação recebida? Por quê?
78. Santo Agostinho relata sua emoção ao ouvir os hinos cantados. Como se deu a introdução destes cantos litúrgicos em Milão?
79. “*Mas tu, Senhor, que tudo diriges no céu e na terra, fazendo a água das torrentes servir aos fins que queres, e regulando o curso turbulento dos séculos, curaste uma pessoa através da insensatez de outra. Por isso, refletindo sobre esse episódio, **ninguém atribua à sua própria influência pessoal a melhoria que suas palavras provocam em outra pessoa que deseja ser corrigida***”.
- a) Além de ser uma exortação e reverência à humildade e à Sabedoria de Deus, este trecho evidencia o caráter reto de Santa Mônica, que desejava ser corrigida. Isto posto, aponte as virtudes que ela logrou durante sua vida.
80. Por que Santo Agostinho não chorou a morte de sua mãe?
81. “*Ó Deus, que criaste o universo Tu reges os céus, e revestes o dia com o esplendor da luz, e a noite com a doçura do sono. O repouso restitua aos membros cansados o vigor necessário ao trabalho de cada dia, alivie as mentes fatigadas e dissipe a angústia das preocupações*”. Agostinho recorda esses versos de Santo Ambrósio e os constata como verídicos em que circunstância?
82. Qual foi o fragmento mais enternecedor escrito no Capítulo “Preces de Agostinho pela mãe”, em sua opinião?

LIVRO X: AGOSTINHO REFLETE NÃO MAIS SOBRE O PASSADO, MAS SOBRE O PRESENTE

83. Qual é o significado da confissão dos maus atos para o Santo?
84. O que Santo Agostinho pede a Deus no Capítulo 3 “Sentido de uma confissão não só do passado, mas do presente”?
85. Para ler, com frutos, e acreditar nas Confissões deste grande Santo, é necessário o exercício (ou mesmo a súplica) de qual virtude?
86. Nós nos conhecemos inteiramente ou Deus tem o pleno conhecimento de nós mesmos, mais do que nosso próprio espírito?
87. “*Mas, que amo eu quando te amo?*”. Explique este questionamento de Santo Agostinho sobre o que amamos quando amamos a Deus, por meio das elucubrações do próprio Santo.
88. Qual é a importância da memória?
89. Onde Deus habita em nossa memória?
90. Deus nos impõe a continência, como bem pontua Santo Agostinho. Por quê? Somos capazes de corresponder a esta ordem por mérito próprio?
91. Explique, com suas palavras, a concupiscência da carne; posteriormente, redija uma breve definição sobre:
- a) As tentações do paladar.
 - b) As tentações do olfato.
 - c) As tentações do ouvido.
 - d) As tentações do olhar.
 - e) A tentação da curiosidade.
 - f) A tentação do orgulho.
 - g) A tentação da vanglória.
 - h) Escreva uma oração pedindo a Deus a graça de vencer todas as tentações que o conduzem para longe da Sua Graça e elabore metas concretas para vencer a cada uma do item anterior.

LIVRO XI: MEDITAÇÃO SOBRE O PRIMEIRO VERSÍCULO DO GÊNESIS: “NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU...”

92. Transcreva a “Prece para compreender as palavras da Sagrada Escritura” em seu caderno.
93. Como Deus criou as coisas?
94. Escreva a diferença entre o tempo e a eternidade.
95. Qual desfecho Santo Agostinho concebe acerca do conceito de tempo?
96. Com o que se mede o tempo? Justifique.
97. Ainda em relação ao tempo, com o que Santo Agostinho não concorda?
98. Para qual pergunta Santo Agostinho escreve a seguinte admoestação: *“Que avancem para o que está adiante, de modo a compreender que tu existes antes de todos os tempos, eterno Criador de todos os tempos; que nenhum tempo é coeterno contigo, nem criatura alguma, se bem que haja algumas superiores ao tempo”*.

Para a leitura, meditação e contemplação dos próximos livros, faremos uma proposta diferente: será a sua vez de entender o tópico, formular questões sobre os principais pontos e de respondê-las em seu caderno. Elabore ao menos uma pergunta por capítulo, para facilitar a sua compreensão (e também leia os desafios propostos na sequência antes de iniciar).

Para ajudá-lo quanto aos principais pontos, indicaremos alguns assuntos que deverão ser abordados em cada livro, dentro de uma ou mais perguntas.

LIVRO XII: MEDITAÇÃO SOBRE O PRIMEIRO VERSÍCULO DO GÊNESIS: “NO PRINCÍPIO DEUS CRIOU O CÉU E A TERRA.”

Para compreender melhor, orientamos que **releia os capítulos sobre a criação do mundo, no livro do Gênesis, e vá comparando**, analisando com o que o Santo propõe sobre cada ponto.

Alegorias encontradas no livro do Gênesis, sobre a Criação (para responder também deverá ler os outros livros seguintes).

- Céu(s).
- Terra(s).
- Matérias.
- Criaturas.
- A escritura, o firmamento e os anjos.
- O mar e a terra.
- Os astros.
- Animais terrestres.
- Frutos da terra.
- Peixes e baleias.
- Compromisso com a verdade.
- Perfeição das escrituras.
- Explicação e sentidos das Escrituras.

LIVRO XIII: MEDITAÇÃO SOBRE OS SIGNIFICADOS ALEGÓRICOS DA CRIAÇÃO

- Os benefícios e graças concedidos por Deus.
- Os dons de Deus.
- Como alcançar a perfeição.
- O sentido místico das palavras do Gênesis.
- Conclusão.

SANTO AGOSTINHO – NOTA BIOGRÁFICA

Vamos compreender a vida e a obra de Santo Agostinho, explorando seu impacto na teologia cristã e na filosofia ocidental, bem como suas contribuições para a Igreja Católica.

NASCIMENTO E PRIMEIROS ANOS

“Magnífico em sua vida, luminoso em sua doutrina, feliz em sua glória.”

Legenda Áurea



Santo Agostinho nasceu em 13 de novembro de 354, na cidade de Tagaste, localizada no Norte da África, que na época fazia parte do Império Romano. Seu nome de batismo era Aurélio Agostinho. Ele foi criado em uma família de condição modesta, mas que valorizava a educação.

Seu pai, Patrício, era um pagão que só se converteu ao cristianismo pouco antes de morrer, enquanto sua mãe, Mônica, era uma cristã fervorosa que dedicou sua vida à oração pela conversão de seu filho. Desde cedo, Agostinho demonstrou grande inteligência e uma sede insaciável de conhecimento, o que o levou a estudar retórica e filosofia em várias cidades do Império, incluindo Cartago, onde se destacou como estudante.

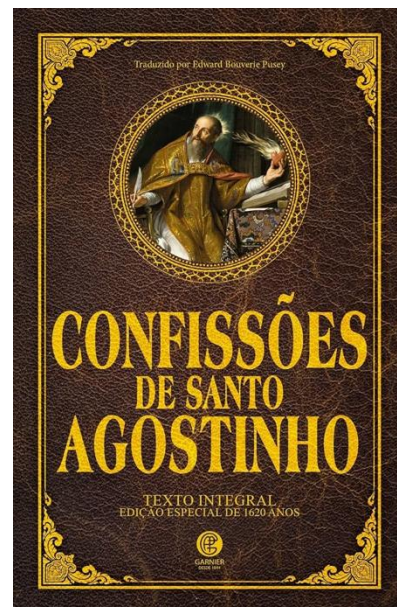


Durante sua juventude, Agostinho teve uma vida inquieta e atribulada. Apesar da influência de sua mãe, que tentou incutir nele os valores cristãos, ele se afastou da fé e buscou respostas para suas questões existenciais em diferentes correntes filosóficas e religiosas. Seu primeiro contato significativo foi com o maniqueísmo, uma seita que combinava elementos do cristianismo, zoroastrismo e gnosticismo, e que oferecia uma explicação dualista para o conflito entre o bem e o mal. Essa busca incessante por respostas, no entanto, não trouxe a paz que ele ansiava, o que o manteve em um estado constante de insatisfação e dúvida.

CONVERSÃO AO CRISTIANISMO E VIDA COMO BISPO DE HIPONA

A conversão de Agostinho ao cristianismo é um dos episódios mais emblemáticos de sua vida e um ponto central em sua obra “Confissões”. O Capítulo IV do Livro Sexto retrata bem o episódio:

“[...] tanto mais fortemente me roía o coração o desejo de ter alguma certeza, quanto mais me envergonhava de ter sido o joguete dos que me haviam prometido a certeza, e por ter defendido com pueril empenho e animosidade tantas coisas duvidosas como sendo verdadeiras. Depois vi a razão por que eram falsas. Mas já estava então certo de que elas eram duvidosas, embora as tivesse julgado irrefutáveis por algum tempo, quando, com minhas cegas discussões, combatia tua Igreja Católica. Embora então não a reconhecesse como mestra da verdade, pelo menos sabia que não ensinava aquilo de que eu a acusava. Daí minha confusão, e a conversão que se operava em meu pensamento, ó meu Deus, vendo que tua Igreja única, corpo de teu Filho único, na qual, ainda menino me ensinaram o nome de Cristo, não gostava de bagatelas infantis. Regozijava-me que em sua doutrina sadia nada havia que te representasse, a ti, Criador de todas as coisas, circunscrito numa forma e num espaço que, embora amplo, seria contudo limitado.”



Na vigília pascal de 387, Agostinho recebe o batismo das mãos do bispo Ambrósio.

sua vida anterior e seguir o caminho de Cristo. Em 387, Agostinho foi batizado por Ambrósio, selando assim sua conversão ao cristianismo.

Após sua conversão, Agostinho retornou à África e, em 391, foi ordenado sacerdote em Hipona, uma cidade costeira da atual Argélia. Quatro anos depois, foi consagrado bispo da mesma cidade, função que exerceu até sua morte. Como bispo, Agostinho se dedicou fervorosamente à defesa da fé cristã, combatendo diversas heresias que ameaçavam a unidade da Igreja, como o maniqueísmo, que ele conhecia intimamente, o donatismo, uma seita rigorista que negava a validade dos Sacramentos administrados por clérigos que haviam

cedido à perseguição, e o pelagianismo, que minimizava o papel da graça divina na salvação. Sua vida pastoral era marcada por uma intensa atividade de pregação, ensino e escrita, sempre orientada pelo desejo de guiar sua comunidade na verdadeira fé e na vida moral conforme os ensinamentos de Cristo.

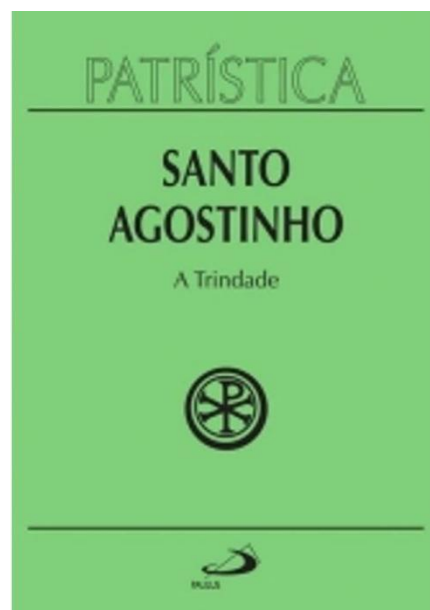
Além de sua atividade pastoral, Agostinho se envolveu profundamente nas questões teológicas de seu tempo, desenvolvendo uma rica e influente obra teológica. Ele abordou temas como a natureza da Trindade, a graça e a liberdade humana, o problema do mal, e a relação entre a Igreja e o Estado. Sua abordagem intelectual e espiritual era caracterizada por uma síntese entre a fé cristã e a filosofia neoplatônica, que ele conheceu durante sua juventude. Essa síntese permitiu a Agostinho articular uma visão profunda da relação entre Deus e o mundo, e da vida humana como uma peregrinação em direção à visão beatífica.

Em sua função como bispo, Agostinho também se destacou pela sua capacidade de aplicar os princípios teológicos e morais aos desafios concretos enfrentados por sua comunidade. Ele via a Igreja como um hospital para os pecadores e, ao mesmo tempo, como uma comunidade de santos em formação. Essa visão o levou a enfatizar a importância da graça divina e da misericórdia, ao mesmo tempo em que encorajava os fiéis a aspirarem à santidade por meio da oração, dos Sacramentos e de uma vida virtuosa. Agostinho continuou a desenvolver suas ideias e a escrever até o fim de sua vida, deixando um legado teológico que moldou profundamente o pensamento cristão na Idade Média e além.

PRINCIPAIS OBRAS

A obra mais conhecida de Santo Agostinho é “Confissões”, uma autobiografia espiritual em que ele narra sua vida desde a infância até sua conversão ao cristianismo e seus primeiros anos como bispo. “Confissões” não é apenas uma narrativa pessoal, mas também uma profunda meditação teológica e filosófica sobre a natureza do homem, o pecado, a graça e a busca pela verdade. A obra é considerada uma das mais importantes da literatura cristã e uma das primeiras autobiografias da História, revelando a complexidade e a profundidade da vida interior de Agostinho.

“A Cidade de Deus” é outra obra-prima de Agostinho, escrita em resposta à queda de Roma em 410 d.C., um evento que abalou profundamente o mundo romano e levou muitos a questionarem o papel do Cristianismo no Império. Nesta obra monumental, Agostinho contrasta a “Cidade de Deus” (os fiéis que vivem em direção à eternidade) com a “Cidade dos Homens” (aqueles que se apegam às coisas terrenas). Ele argumenta que a história humana é uma batalha entre o bem e o mal, e que a verdadeira cidadania está na cidade celestial, onde Deus reina supremo. “A Cidade de Deus” é uma



reflexão sobre a história, a política e a providência divina, e influenciou profundamente a teologia e a filosofia política ocidentais.

Em “De Trinitate” (Sobre a Trindade), Agostinho explora o mistério da Trindade, um dos dogmas centrais do Cristianismo. Ele tenta explicar a relação entre as três pessoas da Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — usando analogias tiradas da mente humana, como a memória, o entendimento e a vontade. Esta obra é uma das mais complexas e profundas de Agostinho, refletindo sua tentativa de conciliar a razão e a fé para explicar o inefável mistério de Deus. “De Trinitate” teve uma influência duradoura na teologia cristã e é considerada uma obra fundamental para o desenvolvimento da doutrina trinitária.

MORTE E LEGADO

Santo Agostinho faleceu em 28 de agosto de 430, durante o cerco de Hipona pelos vândalos. Apesar das dificuldades e das pressões externas, ele permaneceu firme em sua fé até o fim, dedicando seus últimos dias à oração e à reflexão espiritual. Sua morte marcou o



fim de uma era, mas seu legado continuou a influenciar profundamente a Igreja Católica e a cultura ocidental.

Canonizado pela Igreja Católica, Santo Agostinho foi reconhecido como um dos Doutores da Igreja devido à profundidade de seu pensamento teológico e filosófico. Sua obra não apenas moldou o desenvolvimento da teologia cristã durante a Idade Média, mas também influenciou filósofos e teólogos ao longo dos séculos seguintes, desde Tomás de Aquino até Martinho Lutero e além. A visão de Agostinho sobre a graça, o pecado, a liberdade

humana e a relação entre a Igreja e o Estado continua a ser relevante para o pensamento cristão contemporâneo, tornando-o uma das figuras mais importantes da história do Cristianismo.

Singularidades:

São Jerônimo conheceu também Santo Agostinho. Sobre o Doutor da Graça, dizia que era **“seu filho em idade, e seu pai em dignidade”**. Por seu lado, o Bispo de Hipona escreveu-lhe: “Li dois escritos vossos que me caíram nas mãos, e achei-os tão ricos e plenos que não quereria, para aproveitar em meus estudos, senão poder estar sempre a vosso lado”.

Quando em 420, falece São Jerônimo, mesmo dia, em visão, ele aparecia a Santo Agostinho e descrevia como era o estado das almas bem-aventuradas no Céu.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Explique como os primeiros anos de vida de Santo Agostinho foram para sua formação intelectual e espiritual.
2. Discuta o papel de Santo Agostinho como bispo de Hipona, com ênfase em sua luta contra heresias como o maniqueísmo, donatismo e pelagianismo. Como essas controvérsias moldaram seu pensamento teológico e sua visão sobre a Igreja?
3. Avalie o legado de Santo Agostinho para a teologia cristã e a filosofia ocidental. Quais aspectos de seu pensamento continuam a influenciar o cristianismo e o pensamento filosófico até os dias atuais?
4. Você possui alguma experiência com a leitura da obra desse grande Santo da Igreja?



AULA 24

REFLEXÕES

CONHECER A NATUREZA DAS COISAS



onforme estudamos, no capítulo 17, Santo Agostinho enfatiza a importância do conhecimento da natureza das coisas para a interpretação adequada das expressões figuradas nas Escrituras. Ele ilustra como a ignorância das propriedades naturais dos elementos mencionados na Bíblia pode obscurecer o entendimento geral.

A primeira analogia usada pelo Santo é a da serpente, que expõe seu corpo para proteger a cabeça. Agostinho interpreta isso como uma metáfora para a prudência que devemos ter, em que devemos preservar a nossa fé e a verdade em Cristo mesmo diante das perseguições: a serpente, ao despojar-se da pele antiga para renovar-se, simboliza a transformação espiritual que os cristãos devem buscar, conforme as exortações de Paulo sobre a renovação do homem interior. Essa metáfora sugere que, assim como a serpente se transforma para preservar a vida, os cristãos devem se renovar espiritualmente, adotando uma vida mais alinhada com os princípios de Cristo.

Além disso, Agostinho menciona como o conhecimento de pedras e plantas nas Escrituras contribui para a compreensão das figuras e simbolismos bíblicos. A referência ao ramo de oliveira e ao hissopo ilustra como o entendimento das propriedades naturais desses elementos pode iluminar o significado de suas representações espirituais. Por exemplo, a oliveira simboliza a paz perpétua devido à sua durabilidade e resistência, enquanto o hissopo, com suas qualidades de purificação, simboliza a limpeza espiritual.

ONDE HOVER VERDADE, ELA É PROPRIEDADE DE DEUS

No capítulo 19, Santo Agostinho aborda a relação entre a verdade e a propriedade divina. Ele argumenta que a verdade, independentemente de onde seja encontrada, pertence a Deus. A verdade não é uma invenção humana, mas uma realidade que os homens descobrem e expressam. Agostinho ressalta que os cristãos não devem rejeitar o

conhecimento verdadeiro proveniente de outras fontes apenas por causa de sua origem não cristã, mas devem discernir e adotar a verdade que é consistente com a fé cristã.

Em relação ao capítulo 33, que serve como um bom complemento ao capítulo 19, Agostinho reflete sobre a natureza da verdade e o papel dos seres humanos na sua descoberta. Ele afirma que a verdade não é criada pelos homens, mas é uma realidade objetiva que é constatada e formulada por eles. Os homens podem descrever e ensinar a verdade, mas não a criam.

Esta postura de Agostinho frente a impotência humana de criar, mas que se contém com reconhecer, interpretar, ordenar e reordenar, demonstra uma profunda e sincera humildade frente a Criação e a Condição Humana.

OS MANIQUEÍSTAS E A CONTEMPORANEIDADE

Santo Agostinho reflete sobre o engano do maniqueísmo, uma seita que fazia uso dos nomes sagrados de Cristo e do Espírito Santo para encobrir sua falta de verdade. Para os maniqueístas, a verdade estava frequentemente reduzida a palavras vazias e abstrações, desprovidas de substância real. A visão maniqueísta confundia a criação com o Criador e oferecia soluções ilusórias para questões profundas da existência.

Agostinho descreve como essas seitas ofereciam uma visão desprovida de profundidade espiritual, alimentando-se de simbolismos e ficções em vez de buscar a verdade autêntica de Deus. Ele destaca a diferença entre as criações visíveis, como o sol e a lua, e a verdade espiritual, que transcende essas manifestações físicas. Essa crítica se torna um apelo para buscar a verdade que não pode ser capturada apenas por sentidos materiais ou conceitos superficiais.

Hoje, podemos ver uma sedução semelhante em muitos movimentos e tendências filosóficas que se concentram em teorias e ideologias que frequentemente se afastam da essência espiritual e moral. Muitos atualmente buscam a verdade em conceitos que soam agradáveis ou na popularidade de ideias sem profundidade real.

Por exemplo, há uma crescente tendência de considerar todas as crenças e práticas como equivalentes, sem uma análise crítica das verdades subjacentes. Assim como os maniqueístas ofereciam “pães escondidos” e “água roubada” em lugar da verdadeira nutrição espiritual, hoje muitos se contentam com filosofias e práticas que aparentam trazer satisfação espiritual, mas que na verdade são vazias e não alimentam verdadeiramente a alma.

As observações de Agostinho seguem com um forte teor crítico para com o maniqueísmo por suas concepções errôneas sobre a natureza do mal e a justiça divina. Os maniqueístas tinham dificuldade em compreender o mal como privação do bem e confundiam a divindade com conceitos limitados e materiais. Eles também não conseguiam entender a justiça de Deus como algo que transcende as variações temporais e culturais.

Agostinho argumenta que o mal é simplesmente a ausência do bem e que Deus, sendo espírito, não pode ser limitado por formas materiais. Ele critica a falta de entendimento sobre

a verdadeira justiça, que é constante e imutável, apesar das variações nas leis e práticas culturais ao longo do tempo.

Esses erros também são evidentes em muitos debates contemporâneos. Muitas pessoas ainda buscam entender o mal e a justiça divina com base em concepções materialistas ou utilitaristas. Há uma tendência a reduzir o mal a problemas sociais ou psicológicos sem considerar a dimensão moral e espiritual mais profunda.

Além disso, a justiça muitas vezes é mal compreendida quando aplicada de maneira inconsistente, seja por relativismo moral ou por uma compreensão limitada das leis e princípios universais. Em debates éticos e legais modernos, é comum ver uma tentativa de aplicar normas contemporâneas sem considerar o contexto mais amplo da justiça imutável e eterna.

Em resumo, os erros do maniqueísmo descritos por Agostinho revelam-se existentes nos dias atuais, muito embora tenham faces diferentes.

SOBRE A MENTIRA

Ao explorar a natureza da mentira, Santo Agostinho procede de forma profunda e detalhada, diferenciando entre a simples afirmação de algo falso e a intenção deliberada de enganar. Para Agostinho, a mentira verdadeira não se resume ao conteúdo factual da afirmação, mas à intenção do falante. Segundo ele, alguém que diz algo falso acreditando genuinamente na sua veracidade não mente, embora possa estar em erro.¹⁰ O mentiroso, por outro lado, é aquele que diz algo com a intenção consciente de enganar, mesmo que o conteúdo possa ser verdadeiro ou falso.

Agostinho distingue entre “acreditar” e “supor”. A crença é entendida como uma adesão firme àquilo que se acredita ser verdadeiro, enquanto a suposição é uma crença que pode estar equivocada. O mentiroso, então, é aquele que possui um “coração duplo” – um pensamento que conhece a verdade e outro que profere algo falso com a intenção de enganar. O foco de Agostinho é na intenção moral e na consciência do falante, desafiando uma visão meramente semântica da mentira.

Agostinho também aborda a complexidade moral da mentira em contextos específicos, como mentir para evitar um engano ou dizer a verdade para induzir ao erro. Ele considera que a moralidade não é determinada apenas pela veracidade ou falsidade das palavras, mas pela intenção por trás delas. O caso em que alguém mente para evitar o engano, ou diz a verdade para enganar, reflete a complexidade da moralidade envolvida na comunicação.

Na prática, isso se traduz na necessidade de discernir não apenas o que é dito, mas também o porquê e como. A intenção moral e as circunstâncias são essenciais para uma avaliação ética adequada. Por exemplo, mentir para proteger alguém de um perigo imediato pode parecer justificável em alguns contextos, mas a análise agostiniana sugere que a verdade e a integridade não devem ser comprometidas.

¹⁰ O que não implica na isenção do erro, visto que existe culpabilidade possível na ignorância.

Agostinho enfatiza que, de acordo com as Escrituras e a moral cristã, a mentira é sempre uma iniquidade. Ele argumenta que, mesmo em situações onde a mentira parece servir a um propósito nobre, como salvar uma vida temporal, ela é inaceitável porque compromete a integridade da alma e a justiça divina. O foco está na preservação da verdade e na importância de manter a fidelidade aos princípios morais, independentemente das circunstâncias.

Ele rejeita a ideia de que a mentira pode ser justificada por um bem maior, enfatizando que a vida eterna é mais valiosa do que a vida temporal. A verdade é considerada uma questão fundamental, e comprometer a verdade para ganhar algum benefício temporal é visto como uma violação grave da moralidade cristã.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Como Santo Agostinho utiliza a metáfora da serpente e a compreensão das propriedades naturais para explicar a importância da renovação espiritual e da preservação da verdade em Cristo?
2. De que maneira Santo Agostinho diferencia entre “acreditar” e “supor” no contexto da mentira, e qual é a importância da intenção moral na definição de verdade e falsidade?
3. Como Agostinho critica o maniqueísmo e quais são as implicações dessas críticas para as ideologias contemporâneas que podem apresentar características semelhantes?
4. Qual é a posição de Santo Agostinho sobre a mentira e por que ele considera que, independentemente das circunstâncias, a mentira é sempre uma iniquidade?
5. Como a análise de Agostinho sobre a mentira se aplica a contextos morais e éticos atuais, e qual é a importância da intenção por trás das palavras na avaliação da moralidade de uma comunicação?

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – VOLUME 8

– Um olhar sob a história do Brasil: A vida e magnanimidade de José de Anchieta.

– **Leituras propostas e complementares:**

– A Tradução da Língua Tupi-Guarani.

– A Fundação de Cidades.

– A Defesa dos Indígenas.

– Evangelização e Civilização.

– Literatura de Missão.

– O Teatro.



AULA 24

O TEATRO DE JOSÉ DE ANCHIETA

Como vimos até agora, Anchieta nos fez surpreender em todos os âmbitos, seja literário, missionário, catequético. Nesta aula, abordaremos a relevância do trabalho de São José de Anchieta também no teatro indígena, destacando a forma como suas peças contribuíram para a evangelização e a formação cultural no Brasil colonial.

ANCHIETA, UM DRAMATURGO



ão José de Anchieta, conhecido como “Apóstolo do Brasil”, desempenhou um papel fundamental na evangelização e na formação cultural das populações indígenas durante o período colonial. Além de suas atividades como missionário e educador, Anchieta foi um talentoso dramaturgo, utilizando o teatro como ferramenta pedagógica e catequética. Suas peças, muitas vezes encenadas pelos próprios indígenas, eram repletas de simbolismo religioso e moral, com o objetivo de converter e educar os novos cristãos.

O texto que iremos analisar é uma adaptação em prosa de um dos diálogos teatrais de Anchieta, onde se retrata um confronto entre o Diabo e um Anjo, simbolizando a luta entre o bem e o mal, a fé e a tentação. Esta peça, como muitas outras de sua autoria, era representada em festividades religiosas, reforçando a doutrina cristã e os valores morais.

A adaptação em prosa visa facilitar a compreensão, permitindo que se identifiquem os principais elementos temáticos e retóricos da obra.

PROSA ADAPTADA: O ENCONTRO ENTRE O DIABO E A VIRGEM MÁRTIR

Leia este trecho seletivo:

“O Diabo, enraivecido e armado com espada e escudo, confronta uma jovem donzela que se aproxima. Com arrogância, ele a adverte:

— Não tens lugar aqui, donzela. Afasta-te, antes que te faça voltar à força! Não te lembras da última vez que nos enfrentamos, quando, ao lado das onze mil virgens, tu me venceste e levaste tantos a crer em Deus? Mas hoje, não será assim. Hoje, eu te vencerei.

Ele prossegue, zombando dos habitantes da Capitania:

— Não há resistência a mim nesta terra. Aqui, todos se renderam alegremente ao meu poder. Vejo que erraste o caminho e tomaste o sol pelo errado. Retorna a Portugal, pois aqui não encontrarás senão a noite infernal dos pecados, onde os homens, afundados, desprezam a luz. Se ousares falar-lhes da Cruz, te rejeitarão com desprezo!

E, para enfatizar sua ameaça, o Diabo dispara um arcabuz.

Nesse momento, surge um Anjo, radiante e imponente, que interrompe a fala do Diabo:

— Ó dragão peçonhento, pai de toda mentira! Com furiosa ira, procuras destruir a raça humana. Mas nesta povoação, tu não tens poder! Todos aqui desejam, de todo coração, ser inimigos de Lúcifer.

O Diabo, rindo com escárnio, responde:

— Valentes soldados? Que piada! Eles são fracos, sempre caem em pecado e não fazem senão tropeçar!

O Anjo replica com firmeza:

— Mesmo que caiam, logo se levantam, e outros permanecem de pé. Com as armas da fé, resistem a ti e te assustam, pois Deus está com eles. Ele, com amor excessivo, envia-lhes suas esposas — as onze mil virgens formosas — que, com contínuo favor, lhes darão palmas gloriosas. E para tua maior dor, tua soberba será derrubada por uma pequena mulher.

Ao ouvir isso, o Diabo se contorce de angústia:

— Ah, que golpe cruel me atiraste ao mencionar uma mulher! Foi uma mulher que me derrotou, que tirou meu poder, e, lançando-me ao chão, quebrou minha cabeça.

O Anjo, agora triunfante, proclama:

— E essa mesma mulher traz consigo outras mulheres, que nesta terra conquistarão poder para vencer teus artifícios.

Desesperado, o Diabo lamenta sua sorte:

— Ai de mim, desventurado! — e, em pânico, se recolhe.

O Anjo, firme em sua missão, o adverte:

— Traidor, aqui ficarás, de pés e mãos amarrados, pois perturbaste a paz.

O Diabo, tremendo, implora:

— Ó Anjo, deixa-me partir! Tremo diante desta senhora!

O Anjo, implacável, concede-lhe uma condição:

— Irá embora, mas nunca mais retornará.

O Diabo, já se retirando, volta-se para o povo e lança uma última ameaça:

— Deixai-vos enganar pela minha promessa de paz, mas saibam que logo voltarei, cercarei vossas casas e esmagarei vossas cabeças!

Enquanto o Diabo foge, a vila exulta de alegria. A voz da Vila se ergue, cheia de gratidão:

— Mais rica me vejo agora do que nunca antes, pois tive o privilégio de ter-vos, ó virgem mártir, como minha senhora. O Senhor onipotente concedeu-me um grande benefício ao enviar-vos, junto com a legião do grande mártir Maurício. Hoje, minha alegria se dobra com vossa vinda, Senhora. E, com vossa presença, minha Capitania tornou-se ainda mais valiosa e mais rica do que jamais foi. Com a memória perpétua de vossa vida santa e da morte gloriosa que vos deu vitória, fico mais favorecida e engrandecida, pois vindes morar entre nós. Com a vossa chegada, minha honra é elevada, e por vós, serei sempre abençoada.

Nesse momento, um companheiro de São Maurício, em nome da legião, aproxima-se da virgem mártir e declara:

3— Toda esta Capitania, ó virgem mártir gloriosa, está cheia de alegria ao receber, neste dia, uma mãe tão piedosa. Nós, padroeiros desta terra, junto com toda a nossa legião de cavaleiros tebanos, soldados e companheiros do Capitão Maurício, estamos prontos para vos acompanhar. Ele já vos espera, com a pousada pronta, para que, junto de vossa comitiva, possais ser nosso amparo e guia.”



EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Analise a representação simbólica do conflito entre o Diabo e o Anjo nesta adaptação. Como ela reflete os valores cristãos defendidos por São José de Anchieta?
2. Explique a importância do uso de figuras femininas, como a Virgem Mártir, na obra de Anchieta. Como essa escolha se relaciona com a doutrina católica e a evangelização?
3. Como o diálogo entre o Diabo e o Anjo ilustra a luta entre o bem e o mal? Quais recursos retóricos Anchieta utiliza para destacar a superioridade do bem?
4. Discuta o papel do teatro na evangelização das populações indígenas no Brasil colonial. Como as peças de Anchieta, como esta adaptada, contribuíram para esse processo?

The image shows a decorative book cover with a central title label. The label is a horizontal rectangle with a double-line border and a small notch at each end. It is centered within a large, ornate frame. The frame consists of a wide border filled with a repeating pattern of stylized leaves and scrolls. This border is enclosed by a narrower frame with a diamond-shaped lattice pattern. The entire design is rendered in a dark brown color on a white background. The title text is in a bold, sans-serif font.

LITERATURA – VOLUME 9

LITERATURA CATÓLICA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – VOLUME 9

– Revisão dos séculos e períodos estudados ao longo do Primeiro Ano do Ensino Médio (séculos I – V).

FINALIZAÇÃO: LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante este ano do Ensino Médio, elaboramos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Literatura.

Ordenamos a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo, selecionamos frases significativas destes Santos e apresentamos suas imagens.

Neste volume, você concluirá a sua linha do tempo finalizando as ilustrações/imagens, as frases e deverá gravar um breve vídeo com fotos de cada trabalho elaborado.

Para elaborar este vídeo, você pode, com o auxílio do responsável, baixar um editor de fotos e vídeos gratuito e realizar o trabalho.

Orientações:

- Inicie com a sua foto e o seu nome escrito embaixo.
- Selecione a sequência de fotos de acordo com a linha do tempo.
- Partilhe o vídeo com os professores da disciplina e seus familiares, apresentando o que mais gostou nesta disciplina.

Ao término do Ensino Médio, você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e estudos que foi realizando por meio de cada leitura. Se preferir, encaderne cada ano separadamente, formando três livrinhos menores para apreciação!

RESENHAS LITERÁRIAS

Em todos os volumes, após a *Leitura Mensal* proposta, você realizou uma resenha do livro lido, levando em conta os principais critérios vistos no Primeiro volume de Literatura, para guardar na memória e possa usar, futuramente, como consulta.

Agora você terá uma coletânea de boas indicações de leitura!

Em cada resenha, você considerou:

- Ponderações sobre o escritor.
- Título e contexto da obra e da narrativa.
- Resumo da obra lida.
- Frases que chamaram a atenção, personagens ou ambientes da narrativa.
- Comentários e apreciações, aspectos positivos da leitura.
- Motivo pelo qual recomendaria (ou não) a leitura feita.

COMO FAZER

- Finalize a leitura mensal proposta no volume anterior.
- Faça em folha de papel almaço ou sulfite, seguindo o mesmo padrão até o fim.
- Realize as atividades a tinta, realizando previamente um resumo, em folha à parte, para evitar o maior número de erros.
- Peça para que algum familiar ou amigo leia a resenha, faça comentários e avalie se foi claro, coeso e coerente ao escrever.
- A resenha deverá conter, no máximo, uma folha (frente e verso).
- Você pode escolher uma imagem do livro ou do escritor para ilustrar sua resenha.
- Guarde todas as resenhas em uma pasta (pasta catálogo de preferência) para unir com as dos próximos meses.

Observação: realize a resenha do livro *Fabíola* e, assim que finalizar o livro deste volume, faça também a resenha.

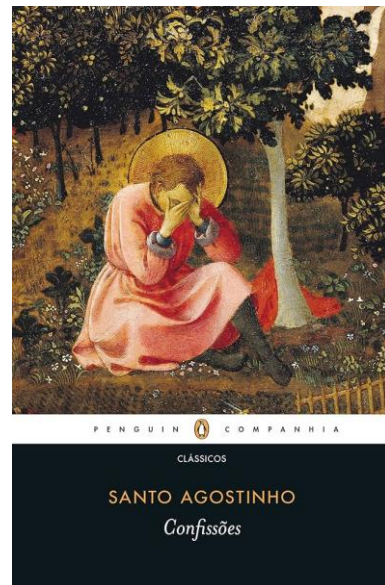
Exemplo de elaboração:

LIVRO: CONFISSÕES

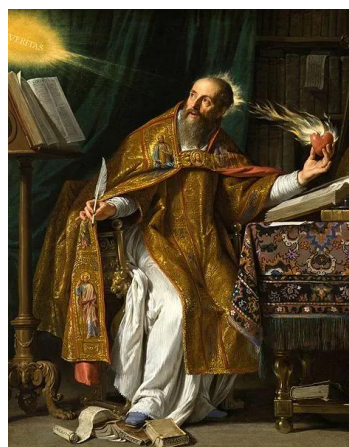
Autor: Santo Agostinho

Grande clássico da literatura e da espiritualidade católica,
Confissões retrata não apenas um exemplo de vida, mas...

*(Continue a narração, elabore
seus comentários, cite frases do livro...)*



Agostinho nasceu em Hipona...





AULA 26

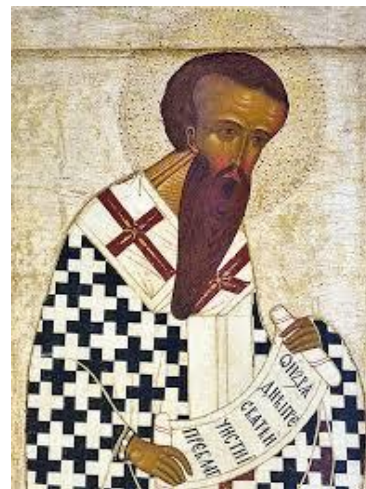
SÃO BASÍLIO MAGNO E SÃO JERÔNIMO

Objetivo: *Apresentar um texto complementar para revisar os principais pontos do Tratado Sobre o Espírito Santo de São Basílio Magno e as Cartas de São Jerônimo.*

INTRODUÇÃO: NOÇÕES SOBRE O ESPÍRITO SANTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS



O tema central do Tratado Sobre o Espírito Santo de São Basílio Magno é a divindade do Espírito Santo e sua inserção na Santíssima Trindade. Nos primeiros séculos da Era Cristã, as noções sobre o Espírito Santo não eram plenamente estabelecidas, gerando intensos debates para definir sua natureza. Esse tratado foi uma resposta fundamental para essas questões, consolidando o entendimento ortodoxo sobre o Espírito Santo.



São Basílio Magno

PRIMEIRA NOÇÃO: O ESPÍRITO SANTO PROCEDE DO PAI

São Basílio ensina que o Espírito Santo é chamado "Espírito de Deus" e "Espírito da Verdade", procedendo diretamente do Pai. Ele é descrito com títulos como "Espírito reto" e "Espírito principal", indicando sua relação íntima e procedente de Deus Pai.

São Basílio adverte contra a visão do Espírito Santo como uma criatura. Ele é uma substância incorpórea, de poder infinito e grandeza ilimitada, não sujeito a mudanças ou à limitação temporal. Assim, o Espírito Santo é completamente equivalente ao Pai em natureza divina, e a sua ação nos eleva espiritualmente, ajudando-nos a buscar pureza e santidade.

No entanto, essa elevação depende também da disposição da alma em buscar o Espírito Santo por meio da Santa Igreja, dos sacramentos e da graça divina. Em qualquer momento,

por mais difícil que seja a fase da vida, a alma tem a possibilidade de se elevar, com o auxílio do Espírito.

SEGUNDA NOÇÃO: O ESPÍRITO SANTO É EQUIVALENTE AO PAI

A doutrina herética que coloca o Espírito Santo em um grau inferior ao Pai em termos de dignidade, é fortemente refutada por São Basílio. Ele argumenta que, se o Espírito Santo fosse inferior ao Pai, não seria incluído na fórmula do Batismo ordenada por Cristo: "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19). A negação dessa igualdade implicaria em desobediência ao mandamento de Cristo, prejudicando assim a fé cristã.

A hierarquia sugerida entre as Pessoas da Trindade é uma transgressão, pois a fórmula batismal expressa a unidade e igualdade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Negar essa igualdade seria destruir a essência da Trindade e, conseqüentemente, a essência da fé cristã.

TERCEIRA NOÇÃO: O ESPÍRITO SANTO É DE DIFÍCIL CONTEMPLAÇÃO

São Basílio reconhece a dificuldade humana de contemplar plenamente o Espírito Santo, assim como o Pai e o Filho. Como seres limitados pela matéria, nossa razão, por si só, não pode alcançar a plena compreensão da Trindade. É pela fé que elevamos a razão e podemos nos aproximar dessa verdade divina.

Aqueles que permanecem presos às paixões carnis encontram obstáculos para receber a graça do Espírito Santo, pois a vida materialista e mundana impede a contemplação do divino. Portanto, a busca pela pureza e desapego das inclinações carnis é essencial para receber e compreender a ação do Espírito Santo.

CONCLUSÃO: O ESPÍRITO SANTO DEVE SER LOUVADO COMO PESSOA DIVINA DA TRINDADE

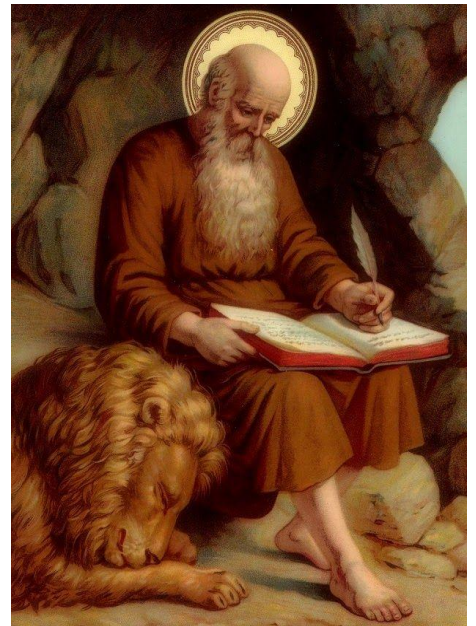
São Basílio conclui seu tratado com inúmeras citações das Sagradas Escrituras que exaltam o Espírito Santo. Ele cita o livro da Sabedoria (Sb 1, 7) e o Salmo 138 (Sl 138, 7) para destacar a presença universal do Espírito Santo. Não há como negar sua natureza divina, pois Ele é ilimitado em grandeza e poder, sempre agindo com o Pai e o Filho.

A equivalência da bondade entre as Pessoas da Trindade é outro argumento-chave. O Espírito Santo é bom por natureza, assim como o Pai e o Filho. A criatura humana participa dessa bondade quando escolhe o bem, mas o Espírito conhece as profundezas de Deus e revela os mistérios ao homem.

A unidade de natureza entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo também é demonstrada pela bondade compartilhada, que não admite diferenças entre as Pessoas. São Basílio refuta a ideia de que haveria "bondades" distintas para cada Pessoa da Trindade, o que geraria confusão e ambigüidade sobre a natureza de Deus.

SÃO JERÔNIMO E A CARTA AO PAPA DÂMASO

A Carta ao Papa Dâmaso, escrita entre 376 e 377 d.C. por São Jerônimo, revela um dos momentos cruciais da história da Igreja, em que questões teológicas sobre a Trindade e a liderança eclesial estavam no centro dos debates. Esse documento tem como contexto um Oriente dividido, com múltiplas heresias emergentes, e apresenta São Jerônimo buscando a intervenção da Sé Romana para dirimir as disputas doutrinárias que estavam dilacerando a unidade da Igreja. Neste ensaio, analisamos os principais pontos discutidos por São Jerônimo, concentrando-nos na controvérsia das "três hipóstases", sua deferência à autoridade do Papa Dâmaso e a metáfora usada para comparar a Igreja do Ocidente com a do Oriente.



São Jerônimo

1. A CONTROVÉRSIA DAS “TRÊS HIPÓSTASES”

A principal questão teológica levantada por Jerônimo na carta, refere-se à doutrina da Trindade, especialmente à terminologia usada para descrever a relação entre as três Pessoas divinas. Jerônimo expressa seu desconforto com o uso do termo "hipóstase", que alguns no Oriente estavam utilizando para sugerir que havia "três essências" distintas na Divindade, o que soava como heresia ariana. Jerônimo aceita a noção de "três pessoas subsistentes", mas se recusa a adotar a terminologia "hipóstase" sem um esclarecimento preciso do que ela significa. Ele temia que o uso ambíguo de termos pudesse comprometer a unidade da fé e abrir brechas para a disseminação de heresias, como o sabelianismo ou o arianismo, ambas condenadas pela Igreja.

Este debate ilustra a importância das definições teológicas e a cautela necessária ao lidar com termos novos ou ambíguos. Jerônimo está ciente de que uma definição incorreta ou vaga da natureza divina poderia comprometer a integridade da doutrina católica, razão pela qual ele busca a orientação do Papa Dâmaso, cuja autoridade como sucessor de Pedro é vista como a guardiã da verdade e da ortodoxia.

2. A CONSULTORIA À SÉ ROMANA

São Jerônimo demonstra profunda reverência pela autoridade do Papa e pela Sé de Roma. Para ele, a Igreja de Roma representava o centro da ortodoxia e o refúgio contra as heresias que estavam fragmentando o Oriente. Ele menciona a Sé de Pedro como o lugar onde a "veste de Cristo", simbolizando a integridade da fé, foi recebida, e descreve o Ocidente como uma terra fértil, onde a pureza da fé crescia abundantemente, em contraste com o Oriente, que estava imerso em disputas e heresias.

A decisão de Jerônimo de buscar a Sé Romana também reflete a crescente centralização da autoridade papal nas questões teológicas da época. Dâmaso, que era tanto amigo quanto admirador de Jerônimo, era visto como um árbitro confiável e imparcial capaz de fornecer uma resposta definitiva à controvérsia. Jerônimo destaca que, independentemente das divisões e distâncias geográficas, ele permanecia em comunhão com a Sé de Pedro, porque nela reconhecia a rocha sobre a qual Cristo edificou sua Igreja.

3. A COMPARAÇÃO ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Outro ponto relevante na carta é a comparação que Jerônimo faz entre as condições da Igreja no Oriente e no Ocidente. Ele descreve o Oriente como uma terra devastada por heresias e cismas, onde a túnica indivisa de Cristo estava sendo rasgada. Por outro lado, ele elogia o Ocidente, onde, segundo ele, a fé permanecia incorrupta. Usando a metáfora da “terra fértil” que reproduz “cem vezes a pureza da semente do Senhor”, Jerônimo expressa sua confiança na fidelidade do Ocidente à tradição apostólica e à verdadeira fé.

Essa metáfora sugere que, enquanto o Oriente era uma terra infértil, onde as heresias sufocavam a verdadeira doutrina, o Ocidente, sob a liderança do Papa, era o solo ideal para o crescimento da ortodoxia. A imagem do sol da justiça, que se levantava no Ocidente, contrastando com Lúcifer, que havia caído no Oriente, reforça essa visão de um Ocidente como bastião da luz da fé em tempos de trevas teológicas.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS ORALMENTE

1. Explique a primeira noção apresentada por São Basílio sobre a procedência do Espírito Santo do Pai e sua relevância para a teologia da Santíssima Trindade.
2. Como São Basílio refuta a ideia de uma hierarquia entre as Pessoas da Santíssima Trindade, com destaque para a relação entre o Espírito Santo e o Pai?
3. São Basílio afirma que o Espírito Santo é de difícil contemplação, assim como o Pai e o Filho. Explique essa dificuldade e a importância da fé para a compreensão da natureza divina.
4. Qual é a principal controvérsia teológica abordada por São Jerônimo em sua carta ao Papa Dâmaso? Explique o significado da disputa em torno da expressão "três hipóstases" e sua importância para a ortodoxia cristã.
5. Analise a justificativa de São Jerônimo para consultar a Sé de Roma em busca de uma resolução para os problemas teológicos que enfrentava. Como ele descreve a autoridade papal e por que considera Roma o centro da ortodoxia?
6. Compare a descrição de São Jerônimo sobre a situação da fé no Oriente e no Ocidente. Quais metáforas ele utiliza para ilustrar a fertilidade espiritual do Ocidente em contraste com as divisões do Oriente? O que essa comparação revela sobre sua visão da unidade da Igreja?

7. **Momento do ensino:** apresente ao educador, amigos e familiares o que recordou com esta aula e quais foram os principais ensinamentos transmitidos pelos Santos abordados.



AULA 27

HUMANISMO E CLASSICISMO



Humanismo em Portugal, vigente de 1418 a 1527, representa uma fase de transição entre a Idade Média e o Renascimento. Essa fase marca uma mudança no objetivo literário e artístico, que deixa de estar centrado exclusivamente em Deus (teocentrismo) e passa a priorizar o homem, suas ações e sua individualidade (antropocentrismo). A literatura desse período não rompe completamente com o passado medieval, mas apresenta uma progressiva secularização e uma abordagem renovada da realidade humana.

O início do Humanismo é comumente atribuído à nomeação de Fernão Lopes como Guarda-Mor da Torre do Tombo em 1418, durante o reinado de D. Duarte. Esse evento marca o início de uma nova forma de historiografia e de uma literatura que busca retratar a sociedade e seus acontecimentos de maneira mais crítica e realista.

CARACTERÍSTICAS DO HUMANISMO

O Humanismo português reflete diversas transformações culturais e literárias, algumas delas comuns ao movimento humanista europeu, e outras particulares à realidade portuguesa da época. As características centrais incluem:

1. **Antropocentrismo:** O foco desloca-se da visão medieval, centrada em Deus, para o homem e suas ações. A literatura do período começa a se preocupar com o comportamento humano, tanto individual quanto coletivo, buscando entender e representar a condição humana em toda a sua complexidade.
2. **Laicização da cultura:** A produção literária começa a se distanciar do predomínio religioso, incorporando elementos seculares e tratando de questões humanas e sociais. Isso não significa uma rejeição total do teocentrismo, mas uma ampliação dos temas abordados, que agora incluem as relações humanas, a política e o comportamento social.
3. **Literatura moralista:** A literatura humanista não abandona as preocupações éticas, mas a sua função se reconfigura. Em vez de guiar a alma para Deus, a literatura passa a formar o “homem fidalgo”, ou seja, aquele que deve agir de acordo com normas de conduta social e moral, especialmente voltadas para a nobreza.

4. Representação da realidade física e humana: Em oposição ao transcendentalismo da literatura trovadoresca, o Humanismo passa a valorizar a descrição da natureza física e dos comportamentos humanos, sendo menos abstrato e mais ligado às questões concretas da vida cotidiana.

PRODUÇÕES LITERÁRIAS DO PERÍODO

FERNÃO LOPES E AS CRÔNICAS

Um dos grandes expoentes do Humanismo português foi o cronista Fernão Lopes, cuja obra é fundamental para o estudo da história de Portugal. Lopes introduz uma nova forma de narrativa histórica que mescla elementos literários e historiográficos. As suas crônicas são marcadas pela busca da verdade e pelo desejo de retratar os acontecimentos com objetividade, ainda que a narrativa adote um tom literário.

As crônicas de Fernão Lopes são particularmente notáveis por sua abordagem “regiocêntrica”, centrando-se nas figuras dos reis como protagonistas da história. No entanto, Lopes também dá importância à participação popular nos eventos históricos, algo incomum na historiografia medieval. Além disso, o cronista incorpora técnicas narrativas semelhantes às da literatura ficcional, como o uso de diálogos e a construção de retratos psicológicos das personagens, aproximando suas crônicas do que hoje chamamos de “romances históricos”.

PROSA DOUTRINÁRIA

Durante o Humanismo, a prosa doutrinária se volta para a formação da nobreza, com ênfase na educação moral e física. Não se trata mais de um moralismo estritamente religioso, mas de uma moral voltada para o desenvolvimento do homem nobre. Obras como o “Livro da Virtuosa Benfeitoria” exemplificam essa preocupação com a conduta social e a ética, abordando temas como a gratidão e o papel dos presentes e favores na sociedade. A influência do estoicismo, especialmente de Sêneca, é evidente nessa literatura.

A POESIA

Com o declínio do trovadorismo no final do século XIV, a poesia portuguesa se transforma, afastando-se da forma lírica associada à música e se aproximando de uma poesia feita para a declamação. Durante o Humanismo, novos estilos poéticos, como a esparsa e o vilancete, surgem, marcados pela busca de novas cadências e formas de expressão.

A poesia humanista, além de explorar sentimentos humanos, como o amor e o sofrimento, também apresenta uma forte influência da tradição greco-romana. Os poetas do período buscam um equilíbrio entre a idealização metafísica do ente e sua manifestação real, estabelecendo as bases para a futura obra de Luís de Camões.

O TEATRO DE GIL VICENTE

No campo teatral, o grande nome do Humanismo português é Gil Vicente, que introduz o teatro em Portugal com suas peças satíricas e religiosas. Obras como "Auto da Barca do Inferno" e "Farsa de Inês Pereira" são notáveis pela crítica social e política, utilizando o humor e a ironia para questionar os costumes e as hipocrisias da sociedade portuguesa da época.

Vicente foi pioneiro ao incorporar elementos populares e cotidianos em suas peças, ao mesmo tempo em que mantinha um diálogo com a tradição religiosa e moralista. Sua obra reflete a tensão entre o antigo e o novo, entre o transcendental e o terreno, sendo um retrato fiel da sociedade portuguesa do início da modernidade.

CONCLUSÃO

O Humanismo português foi uma fase de transição que, embora ainda mantivesse elementos medievais, já prenunciava as grandes mudanças que o Renascimento traria. O foco no homem, na sua realidade física e social, a laicização da cultura e a busca por uma literatura que educasse e formasse a nobreza são marcas fundamentais desse período. Com Fernão Lopes, a crônica histórica se tornou um gênero literário de grande importância, enquanto Gil Vicente, na dramaturgia, pavimentou o caminho para o desenvolvimento do teatro em Portugal.

Essa fase, portanto, representa um momento crucial na evolução da literatura portuguesa, onde o passado medieval e o futuro renascentista se encontram e dialogam, proporcionando à cultura portuguesa uma nova identidade e perspectiva.

SÁ DE MIRANDA E A TRANSIÇÃO AO CLASSICISMO

Francisco de Sá de Miranda, nascido em 1481 em Coimbra, foi um dos maiores expoentes da literatura portuguesa na transição do Humanismo para o Classicismo. Essa transição ocorreu em um contexto de redescoberta dos valores e formas estéticas da antiguidade clássica, impulsionada pelo Renascimento, movimento cultural que revigorou o interesse pelos ideais greco-romanos. Sá de Miranda foi influenciado profundamente por suas viagens à Itália entre 1521 e 1526, onde entrou em contato com o ambiente literário renascentista e com a obra de autores como Petrarca e Dante.

Ao retornar a Portugal, Sá de Miranda trouxe consigo formas poéticas inovadoras para o contexto português, como o soneto, a oitava e a terza rima. Tais formas se caracterizam pela sua estrutura rigorosa, proporcionando ao poeta um modelo ideal para a expressão de sentimentos e reflexões de forma condensada e elegante. Essa rigidez formal, típica do Classicismo, oferecia uma maneira de lidar com temas complexos, mas de maneira disciplinada, algo que caracterizou a produção literária do período.

O Classicismo, de forma geral, priorizava o equilíbrio, a simetria e a harmonia, buscando a perfeição formal e a contenção emocional. Isso se refletia tanto nos temas quanto no estilo

adotado pelos escritores. O homem clássico não estava acima da ordem cósmica, mas sim integrado a ela, sendo a razão a faculdade humana mais exaltada. A poesia, portanto, deveria ser uma forma de capturar a verdade universal por meio da razão e da beleza formal.

O SONETO I: REFLEXÕES SOBRE A MUDANÇA E A TRANSITORIEDADE

No Soneto I, Sá de Miranda explora a transitoriedade da vida e a passagem do tempo. A abertura do poema sugere uma cena tranquila, com o verso:

*"O sol é grande, caem coa calma as aves,
do tempo que em tal sação, que sói ser fria;"*

Logo, o poeta expressa sua reflexão sobre a inevitabilidade das mudanças, quando observa:

*"Eu vira já aqui sombras, vira flores,
vi tantas águas, vi tanta verdura,
as aves todas cantavam d'amores."*

Ele encerra o soneto com um sentimento de resignação, expressando que, enquanto tudo ao redor se renova, ele próprio está sujeito à mudança, porém, sem cura:

*"Tudo é seco e mudo; e, de mistura,
também mudando-m'en fiz doutras cores:
e tudo o mais renova, isto é sem cura!"*

O SONETO II: A COMPLEXIDADE DOS SENTIMENTOS AMOROSOS

No Soneto II, Sá de Miranda reflete sobre os efeitos emocionais que a contemplação da mulher amada provoca nele:

*"Quando eu, senhora, em vós os olhos ponho,
e vejo o que não vi nunca, nem cri
que houvesse cá, recolhe-se a alma a si
e vou tresvariando, como em sonho."*

Essa confusão emocional, expressa como uma oscilação entre dúvida e vergonha, é evidenciada nos versos seguintes:

*"Pasmado e duvidoso do que vi,
m'espanto às vezes, outras m'avergonho."*

Por fim, o poeta admite sua incapacidade de verbalizar o que sente, quando diz:

"afronta o coração, a língua é muda."

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS ORALMENTE

1. Como a obra de Sá de Miranda reflete a transição do Humanismo para o Classicismo na literatura portuguesa?
2. No Soneto I de Sá de Miranda, o poeta explora a transitoriedade da vida e a inevitabilidade das mudanças. Analise como os elementos da natureza descritos no poema (sol, aves, flores, águas) são usados para simbolizar a efemeridade da existência humana.
3. Elabore suas anotações no caderno.

HORA DE APRESENTAR!

Resuma o que aprendeu nesta aula, ensinando aos seus familiares e amigos sobre os tópicos retomados.

Ensinar é o melhor meio de ver se de fato aprendeu e de memorizar ainda mais profundamente o que foi assimilado.

Boa apresentação!